

Revista MATTO-GROSSO

De SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

O Presidente do Estado



Revista "Matto-Grosso" estampando em suas columnas o retrato do Exm. Sr. Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa, traduz os seus sentimentos mais íntimos e sinceros para com o distincto e acatado filho deste grande Estado, cujos destinos actualmente preside.

Não nos cabe, embora inteiramente alheios aos partidos militantes, estudar S. Ex. nesse theatro «em que os espiritos se debatem em mil opiniões divergentes e não raro as paixões mal contidas obscurecem a razão» - apenas homenageamos ao illustre matto-grossense, a primeira auctoridade constituída e nisto cumpri-mos um dever cívico.

Como profissional, no seu elegante laboratorio chimico pharmaceutico é o homem competente e estudioso que de sobejo concorre

para enriquecer com seus preparados, esse ramo scientifico, mostrando aos competentes as riquezas e abundancia da flora matto-grossense, que elle mais de qualquer outro conhece, em seus reconditos e variados meandros.

Longe de se ensorberceer pelo brilho que dá-lhe sua humanitaria e nobilissima profissão, ou tão só occupar-se em reunir bens que sua habilitade peculiar largamente lhe proporciona, o Sr. Coronel Pedro Celestino é o amigo sempre accessivel, franco, leal e simples que a todos recebe, agazalha, captiva com seu trato ameno e affavel, que a todos seduz e prende com o sorriso bondoso que de continuo brota de sua affavel physionomia.

O sabio e o rico nelle sempre encontram um engenho versatil e superior nas varias disciplinas, que a par da illustração une o requinte do trato delicado, o polbre e o ignorante

nelle admiram um coração grande, bondoso, magnanimo, prompto a socorrer sua miseria pondo a disposição as scintillações do espirito, e os productos da profissão.

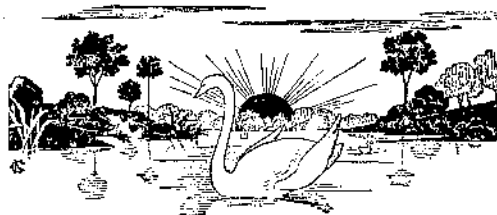
Na vida privada, o Sr. Coronel Pedro Celestino é o esposo dedicado, o pae estremecido que a tudo arrosta para expargir a felicidade entre os entes mais queridos que idolatra, orientando-se sempre nos dictames de uma consciencia a mais pura e delicada.

... Deste conjuncto admiravel de

attributos que exornam sua pessoa, provem a grande nomeada que goza em todo o Estado, tendo sido consagrado pelos innumeros beneficiados — O AMIGO DA POBREZA — cognome que representa perfeitamente a grandeza de sua alma e as irradiações de seu nobre coração.

A Revista "Matto-Grosso" pede ao Altissimo que annos dilatados conceda ainda ao preclaro Coronel Pedro Celestino.

Salve 5 de Julho!



Victoria da causa Salesiana

CONTRA AS CALUMNIAS DO JORNAL SOCIALISTA DE GENOVA

"IL LAVORO" — RETRACTAÇÃO

Sem commentarios mas na integra, archivamos em nossas columnas o texto da retractação, entregue aos RR. PP. Salesianos da Italia, pelos illustres Redactores do organ socialista de Genova *il Lavoro*, justamente processado por haver accusado aquelles benemeritos educadores.

Achamol-os no *il Momento* diario importantissimo de Turim, em sua edição de 25 de Março passado, n.º 84, anno VII.

«No anno de 1909, aos 23 dias do mez de Março, em Genova, no Gabinete do Juiz instructor, perante o Tribunal Civil e Penal; perante os advogados Jacomo Vitta, Juiz instructor, e Luiz Piccone, vice chanceller, compareceram:

1.º O sr. advogado Antonio Boggiano de Nicoló, de Genova, como procurador especial do Rvmo. P. Vicente Lemoyne, conforme sua procuração de 20 de Março de 1909.

2.º O sacerdote salesiano José Grosio;

3.º O Padre João Paseri;

4.º João B. Calvi;

5.º Francisco Chinatti, de Genova, gerente responsavel do jornal *il Lavoro*.

O Sr. Francisco Chinatti, em qualidade de gerente do supra dicto jornal,—hoje citado perante este tribunal, accusado de cumplicidade, de difamação continua, por meio da imprensa, por ter em diversas vezes, como gerente responsavel do jornal *il Lavoro*, que se publica e imprime em Genova, publicado nos numeros d'este jornal, com data 30, 31 de Julho, 1, 2 e 3 e seguintes de Agosto

de 1907, e outrossim no numero 1857, com data de 26 de Julho de 1908, artigos de autor desconhecido, a respeito dos suppostos escandalos de Varazze, nos quaes se attribuem e divulgam contra os salesianos em geral do collegio civico de Varazze, e especialmente contra os PP. Vicente Lemoyne, João Paseri, J. Calvi, José Grosio e José Pecoraro, factos abominaveis de missas negras e ceremonias torpes, contra a dynastia, perpetradas em 1906 e 1907 no collegio e em outras partes na presença e cooperação de frades e irmãos de caridade; corrompendo alumnos internos e externos, de maneira a ficarem os acima mencionados religiosos expostos ao odio e ao desprezo publico, offendendo-os na honra e reputação; visto que estas imputações não correspondem exactamente ás publicações feitas e que, em todo caso, o jornal não teve nunca intenção de infamar os accusados, nem a ordem religiosa a que pertencem;

Reconhece que os factos contidos nos artigos publicados no *il Lavoro*, em seguida ao diario de Besson, são inconsistentes e julga que, depois disto, a causa não tem mais razão de ser.

Os autores presentes e tambem pelo P. José Pecoraro ausente, por doença, declaram depois desta declaração do Sr. CHINATTI desistir da acção contra elle promovida em Agosto de 1908 e contra o qual foi feita a interpegação, cuja discussão devia se realisar, hoje, perante este tribunal.

—O Sr. Francisco Chinatti decli-

ra acceitar este perdão e esta desistência, o que faz constar pela presente declaração, que vai assignada como segue:

«Dr. Antonio Boggiano, em nome dos autores P. João Pesaro, J. B. Calvi, P. José Grosio.

F. Chinatti, gerente do jornal *Il Lavoro*;

Dr. Jacomo Vitta.

Dr. Luiz Piccone, chanceller».

Esta retractação, continha grave *il Momento* que traduzimos, esta retractação feita pelo *Lavoro* aos RR. PP. Salesianos, é realmente esmagadora para os diffamadores. Porque, pouco antes de apparecerem perante juizes, viram-se obrigados a declarar que os factos inseridos nas columnas do *Lavoro* são INSUBSISTENTES, expressão que abrange não só as taes missas pretas, mais destroe de uma vez tambem os episodios isolados, imaginados com crueldade cynica e satanica, contra almas innocentes e virtuosas, por diffamadores anonymos e socialistas.

A reparação, sob o ponto de vista legal, é mais que completa; nada pôde atenuar-lhe a significação e o valor.

O *Lavoro* poderá talvez sophismar entre a insubsistencia das accusações e insubsistencia dos factos; mas as pessoas que tiverem o mais elementar bom senso hão de sorrir destes desesperados artificios da maldade, porque comprehendem perfeitamente que uma retractação é uma causa bem fundada;

D'isto é prova a formal declaração do *Lavoro*. Elle que, durante a campanha obscena, anticlerical, tanto se distinguia entre os demais jornaes socialistas, no atassalhar a reputação do clero catholico em geral e dos salesianos em particular; o *Lavoro* que, durante mezes, em letras garrafas,

com titulos clamorosos, com a solemnidade da primeira pagina, deu como authenticos, até nos menores detalhes os mesmos factos que agora denomina, com uma só palavra, de INSUBSISTENTES; o *Lavoro* devêra sentir a obrigação estricta de proporcionar, extrajudicialmente, uma reparação qualquer á gravidade das suas affirmações da vespere: isto deveria fazer o *Lavoro* se realmente, como manda dizer ao gerente, a intenção do jornal não era de infamar torpemente aos Salesianos. Pelo contrario, que faz o *Trabalho*?

Escutem o pasmem de vergonha os leitores. Na secção *Tribunaes*, na penultima columna da 2.^a pagina, em dizeres bem pequenos, publica a parte substancial da retractação e accrescenta: «depois d'isto os autores retiraram a accusação, pagando as *despesas judicias* (!). Como se o mais estúpido dos tolos não soubesse que essas despesas, são pagas pelos que fizeram a retractação e não pelos salesianos, que sahiram victoriosos na controversia penal.

Não está parecendo aos leitores que tudo isto constitue um bello especimen da... digamola mesmo assim, petulancia socialista e anticlerical? Chega... O ponto importante fica a despeito de todas as fergiversações anticlericaes, sempre o mesmo: que o monstruoso edificio de calumnias foi deitado por terra por mãos dos mesmos que o tinham levantado, na torpe esperanza que pudesse resistir, inabalavel e duradouro, baseado em infamias. A hora da justiça chegou tarde, mas chegou; e é para sedesejar que tão bem dada lição não seja olvidada tão facilmente pelos italianos....





GENERAL FRANCISCO DE PAULA CASTRO



O telegrapho acaba de nos transmittir a dolorosa noticia de haver fallecido no Rio de Janeiro o General Francisco de Paula Castro.

Alma grande e generosa, intelligencia robusta e esclarecida, o finado succumbiu em consequencia de tenaz enfermidade adquirida no nosso sertão do norte, quando com o ardor de um crente se propunha a realizar o projecto de ligar Cuiabá por meio de uma estrada de rodagem ao Pará.

Todos nós vimol-o partir em 1900 para o vão do rio das Mortes, forte e confiante no exito da empreza que era um dos seus anhelos do seu espirito de investigação e de estudo; todos nós vimol-o regressar depois enfermo, colhido pela malária da região cujas aguas vão descambar no Amazonas.

Perdera a saude então, e pouco depois dava por finda, reformando-se, a sua brilhante carreira militar, que pôde servir de exemplo pela competencia e pela disciplina irreprehensivel que soube manter como commandante e mais tarde como chefe querido, que allia a brandura a comprehensão exacta do dever.

Nascido e educado no Rio de Janeiro, Paula Castro veio para Mato-Grosso ainda muito moço e aqui, já como capitão em 1884, foi incumbido pelo governo do importante commissão scientifica, qual a de acompanhar como auxiliar e representante do ministerio da guerra a commissão exploradora do rio Xingú, chofada pelo Dr. Karl von den Steinen.

De como deu cumprimento áquella honrosa tarefa, fallam bem alto o proprio testemunho do Dr. von den Steinen expresso nesse admira-

vel livro que se intitula **DURCH CENTRAL-BRAZILIEN**, os elogios que merecem do titular da pasta da guerra e o substancioso relatório que apresentou á essa alta autoridade militar.

Modesto em extremo, nunca pensou Paula Castro em publicar o seu trabalho, que hoje figura nas paginas d'O ARCHIVO, a desventurada revista que o auctor destas linhas e Antonio Fernandes de Souza conseguiram manter por mais de um anno nesta cidade, graças ao apoio franco do Coronel Antonio Faes de Barros.

A viagem de Cuiabá á capital do Pará é com singelleza descripta no referido relatório, onde se pôde também colher importantes subsidios sobre as origens do Xingú, sua navegabilidade, recursos naturaes da zona, índios que a habitam e outras informações sobre a região percorrida.

Von den Steinen teve em 1887 oportunidade de voltar ao Xingú, e Paula Castro não tomou parte na segunda exploração; apesar disso, porém, talvez como uma demonstração de boa camaradagem, o novo livro daquelle notavel scientista — **UNTER DEN NATURVO KERN ZENTRAL BRASILIENS** abre o capitulo I com um grupo em que, immediatamente á esquerda do auctor, figura o auxiliar brasileiro.

A **REVISTA MATO-GROSSO**, pois, estampando hoje em suas paginas o retrato do General Paula Castro, presta á memoria do extincto uma homenagem reclamada pela justiça, e sobre o seu tumulo ainda mal fechado deposita uma coroa de sandaes.

Cuiabá, 2 Julho de 1909.

Estevão de Mendonça

O Catholicismo, a Companhia de Jesus e a Colonisação do Novo Mundo

EXMOS. SRS. (1)

MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES.

Os cem annos que medeiam entre a descoberta da America e a data da morte de Anchieta constituem uma época decisiva na historia da humanidade.

Ficou nesse periodo decidido que o christianismo não desapareceria diante da Renascença pagã; ficou decidido que a Igreja Catholica teria, na revolta de Lutheo, não uma causa de morte, mas um estímulo de reforma nos abusos e nos costumes dos homens; ficou decidido que todo o sul e grande parte do centro da Europa continuariam unidos á Roma e que a onda dos turcos invasores seria detida, para sempre, nas trincheiras de Vienna, nas aguas de Lepanto e nas muralhas de Malta. Estes foram alguns dos problemas religiosos e politicos resolvidos naquella época extraordinária; outros, de interesse imprecisavel, tiveram suas grandiosas soluções. Ficou o genero humano sabendo que, ao oeste da Europa, além do oceano tenebroso, havia outro mundo; foi aberto o caminho maritimo da India e a circumnavegação do globo determinou materialmente os limites e forma da terra.

Na vasta agitação que tão extraordinarias cousas produziam, uma cousa mais que todas perturbava as almas daquelle tempo, e, digamo-lo para eterna honra dos homens da Renascença, não era o interesse material somente que os levava ás batalhas das armas e das idéas, ao redor e através dos campos, das fortalezas, das universidades e dos centros intellectuaes da Europa. O que mais torturava os grandes e ardentes espiritos daquelle tempo era o problema da alma humana na sua vida futura.

Dizia a revolta religiosa pela bocca de Lutheo:—A alma humana evolva para a perpetua beatificação por uma predestinação eterna, pelos meritos diuinos de Jesus Christo e pela sua graça; são inuteis para a salvação a pratica das boas obras e a cultura das virtudes do Evangelho. Affirmação de outro lado a doutrina catholica:—O homem é salvo pelos meritos de Jesus Christo, mas Deus é revelado na Fé e nas boas obras, cujos meritos elevam á graça. Em roda destas e outras theses, no dominio pratico da vida, havia nações em armas, reis que disputavam coroados e multidoes revoltadas.

Dous reis occorriam, então, a attenção do mundo: Carlos V e Francisco I. Pretenderam ambos a dignidade imperial e Francisco I foi vencido na eleição.

Si raramente uma eleição consegue aquietar e

felicitar um paiz, muito mais difficilmente pôde uma eleição ser o ponto de partida de uma ordem de cousas estavel e definitiva para o mundo. Durante annos, a lucta entre a França, a Hespanha, a Alemanha, tendo por theatro as Flandres, o Rheno, a Italia e o Mediterraneo, seguiu com os seus heroismos e ferocidades, com as suas victorias e os seus revezes, para um e outro lado. Houve acções militares estrondosas, capitães gloriosos mortos, um rei aprisionado, cidades tomadas de assalto; appareceram os lizes de França unidos ao crescente de Solimão contra a aguja imperial e as chaves de S. Pedro.

Houve nessa época um episodio aliás vulgar naquelles tempos.

Tropas francezas sitiavam uma cidade dos Pyreneus hespanhóes. A população, deante da multidão dos sitiadores, queria capitular, e debalde um fidalgo biscaíño, commandante da praça, lançou-lhe em rosto a sua cobardia e, vendo inuteis suas supplicas e suas invectivas, á frente de um pelotão de soldados, abandonou a cidade pusillanime e, encerrado na fortaleza, convenceu aos seus, com o exemplo de sua coragem, que era preferivel a morte á deshonra de uma rendição. Foi a fortaleza assaltada, foi o assalto repellido e o chefe valoroso fez prodigios de heroismo. Choviam sobre a cidadella os projecteis da artilharia franceza; uma bala, ricocheteando na muralha desmantelada, quebrou as duas pernas ao capitão. Caido o chefe, caiu a coragem dos soldados: a fortaleza passou ás mãos do inimigo, que respeitou no vencido o valor sempre glorioso na victoria e no revez. Cercado de todas as honras, o ferido foi levado para o solar de sua familia. Chamava-se elle Ignacio e o castello era da illustre casa de Loyola e Olaz, cujas armas encaimavam a pesada ogiva da porta do massico castello, que aquelle invalido e quasi moribundo ia immortalisar para sempre. A cidade cahida em poder dos francezes era Pamplona.

Nasolidão daquelle castello que os perigos das guerras tinham despozendo, ia passar-se um drama, cujo epilogo devia, por muito tempo, influir nos destinos humanos.

Quatorze annos antes, junto aos muros da outra cidade da Navarra, não longe de Pamplona, numa tarde de inverno, cahia varado de uma bala, recebida numa emboscada sem gloria, outro homem que em si encarnava toda uma corrente de idéas, de politica e de vida, no tempo da Renascença, Cesar Borgia, o príncipe perfeito, modelo inspirador de Machiavel, ruidoso a sua fortuna na Italia, refugiara-se em Hespanha. O grande politico, o grande guerreiro, reduzido a «simples *condottiere*» de um rei obscuro das montanhas vascongas, recebeu do Destino, como ultimo favor, a nobreza dolorosa daquelle morte, no fundo de um valado, em que expirou, banhado em sangue, tendo voltado o rosto para a phidez das estrellas (1).

(1) Conferencia realisada na Academia de História de S. Paulo pelo illustre Dr. Eduardo Prado perante os exmos. srs. de, Manoel Pereira de Camargo Sales, presidente do Estado de S. Paulo, e D. Joaquim Avevede Cavalcanti de Albuquerque, bispo de S. Paulo.

(2) EMILE GEBHART: *Motives et Papes*, Paris, 1896, pag. 270.

Foi Cesar Borgia, com todos os seus crimes, a mais alta expressão do paganismo, que, por um momento, pareceu vencer e sobrepujar o Christianismo na Renascença. Essa corrente pagã da Renascença veio morrer com elle entre os duros rochedos hispanicos, donde devia brotar, no castello de Loyola, a fonte da renovação religiosa do século. A maior habilidade politica daquelle geração de genios, aquella organização que Machiavel admirara, succumbira alli sem gloria.

Terrível lição para os habéis de todos os tempos e de todos os paizes!

Temos diante de nós a figura de Ignacio, fidalgo aventureiro, homem de 31 annos de idade, para quem no mundo nada valia além do fulgir da sua espada, da gloria das batalhas e dos sorrisos das mulheres. Esse homem estava invalido e abandonado sobre o seu leito.

Esperava que aos rijos ossos das suas pernas de montanhão, róticos pela bala franceza, se soldassem as fraturas.

Remediado o desastre, não pela cirurgia do tempo, mais modesta que a do nosso, mas sim pelo poder medico da natureza, sinão pela sorte que protege os bravos e os namorados, viu Ignacio que uma fatal desigualdade entre as duas pernas re-em-soldadas lhe travava os passos, desaprumando-lhe para sempre o garbo do andar. Foram chamados cirurgiões; propoz Ignacio que lhe rompessem de novo os ossos, para, reajustados mais uma vez, recobrirem, no concerto, toda a harmonia.

Esse processo radical, que consiste em quebrar de novo o que sahia mau e disforme, ha de tentar sempre as naturezas extremadas e incontentaveis na busca da perfeição. E o Destino favorece, ás vezes, a loucura de tales imprudentes!

Com o sorriso nos labios, supportou o heróe o martyrio daquelle horrirel operação e esperou.

Esperou nos dias de verão em que o sol cede o acordava, penetrando através das grades das setteiras medievais, por onde cahia, do alto, o canto triumphal das cotovias; esperou nas tardes quentes do outomno, quando a lufada dos campos lhe trazia as longuinquas toadas dos cegadores de trigo que acompanhavam os pesados carros plangentes nos caminhos; esperou nas longas noites de inverno, quando a nortada dos Pyreneus, baixando á lareira immensa, avivava as brazas soprando as cinzas do tóro de pinheiro que o fogo consumia. Noites longas! dias interminaveis! Ás vezes, resôava pelo valle um clarim distante—era a passagem de um terço de homens d'armas, que Ignacio adivinhava, cavalgando na poeira dourada da estrada e que, livres e fortes, cavalgavam para a gloria, para as batalhas, para o amor.

Peliu o enfermo livros para ler. Não havia os romances de cavallaria, nem, tão pouco, as sabidas proezas de Gáléas, os entulhados de Rolão, ou os amores de Amadis de Gaula poderiam prender o espirito do guerreiro e do amante prostrado. Aquellas façanhas, aquelles amores, seriam antes crueis ironias...

Ainda naquelle século, a invenção immortal de um genio hespanhol descreveria as leituras de outro solitário que, por ellas inspirado, partiria das planicies requemadas da Mancha, armado em guerra, para defender os fracos, restabelecer o direito e reparar injustiças.

Ignacio não leu romances de cavallaria andando por-lhe como leitura as edições, em hespanhol, dos livros que Ignacio ignorava, entre flegma da gran-

de Vida do Christo, pelo cartuxo Ludolfo, e da Vida dos Santos.

Disse Voltaire (1), tratando de Ignacio de Loyola, que quem quizer adquirir um vasto renome e fundar alguma coisa de grande, deve começar por ser completamente louco, mas de uma loucura apropriada ao seu século. Para Voltaire, a figura de Ignacio era natural e duplamente incompreensível; era a de um christão e de um hespanhol do século dezesseis; dois enigmas sublimes, indescifráveis para quem foi um scriptor do século XVIII e um francez subdito de Luiz XV. Não, os loucos que têm a loucura do seu século, esses, não triumpham. Cesar Borgia teve a loucura do seu século: a ambição do poder, do gozo, da vingança, da lucta e o genio da intriga e o genio da guerra.

O seu fim mostrou a inutilidade dessa loucura. A loucura que se apoderou de Ignacio foi a loucura que Christo trouxe do céu á terra, a loucura da Cruz, essa, sim, sempre triumphante. Contra a loucura da soberbia, do egoismo e da ambição, que são as loucuras de todos os séculos, levantou-se na alma de Ignacio a loucura da humildade, do sacrificio e do desinteresse. A essa loucura inspiradora de portentos, creadora de milagres, foi transportada a alma de Ignacio, ao léas vidas dos Santos. Descobriu elle nessas vidas a extraordinaria verdade até então cerrada aos seus olhos de mundano; a da felicidade dos Santos em todo o rigor dos seus sacrificios e da sua superior ventura em toda a dureza de seus soffrimentos. Esse prodigio sem nome era o seu espanto. Seriam de pedra, ou de bronze, esses Santos? seriam elles insensíveis a tantos tormentos? perguntava a si mesmo Ignacio. E, si eram homens como eu, porque não poderiam fazer o que elles fizeram? E, demais, que me poderá dar o mundo em troca dos serviços que en lhe prestar?

Foi esse o grande momento do que já chamámos o drama de Loyola; foi esse o instante decisivo do que hoje chamaríamos a crise psychologica de um homem, e que a litteratura da Egreja chama o combate da graça salvadora, a lucta do eterno Jacob adormecido contra o Anjo baixando da escada que da terra vai ao céu.

Uma bala prostrou o nobilissimo guerreiro. Esse guerreiro levantou-se um santo. Entram fevidos no castello de Loyola como o capitão vencido de uma praça de guerra cahida em poder do inimigo; sahio um general predestinado a convocar, reunir, ordenar e levar á batalha da fé um exercito immortal. (*Muito bem!*)

A obra de Ignacio foi a fundação da Companhia de Jesus. A sua missão foi a da renovação religiosa do século. Essa obra tem perdurado, apesar de todos os seus revêzes, tem resistido também a todos os seus triumphos, o que não é caso de menor admiração, porque, nas causas humanas, o successo sem luctas e os facéis despojos da victoria compromettem mais as instituições do que a contrariiedade que lhes vem da competência com os adversarios.

E qual o segredo dessa duração de mais de trezentos annos, decurso de tempo em que nasceram e morreram tantas cousas, tantos governos, tantas dynastias, tantas doutrinas e tantos idees? Deixada de lado toda a explicação sobrenatural,

(1) *Dictionnaire philosophique, Œuvres Complètes de Voltaire*, Paris, Edição Didot... MDCCLXVII, vol. VII, pag. 710.

podemos dizer que o segredo dessa força encontrámo-lo nos primeiros annos em que, depois de resolvido a ser santo, o fútil de Pamplona, não contente com a intima e segura esperança da salvação da sua alma, quiz também tratar da salvação das outras almas, da salvação da Igreja Catholica e da sociedade do seu tempo.

O designio era gigantesto, desproporcionado ás forças de um homem: para mover aquella mále de crimes e de erros que era a sociedade européa no fim da renaissance, era preciso não a figura politica de um Machiavel, mas uma invencivel força d'alma, força tão extraordinaria que Voltaire, não a comprehendendo, chamou-a de loucura. E' uma loucura essa a que devemos paginas nobres da historia da terra; é a mále dos heroísmos e das sublimidades humanas.

E, de todas as nações do mundo, nenhuma mais do que as Hespanhas, sempre heroicas, tem produzido loucuras tais. A loucura peninsular vemol-a nos muros de Sagunto, nas luctas de Viriato, na caverna de Pelayo. Vemol-a sublinada nas legendas do Sid, nos campos de Ourique, do Silves, de Aljubarrota, de Toro, revivida nas veigas de Granada, alastrada pelo mar infinito nas descobertas dos mundos desconhecidos, nas conquistas dos reinos longinquo, na evangelisação dos barbaros e dos selvagens e, em nosso seculo, essa loucura que inspirou Corneille e Victor Hugo reaparece na grande epopéa peninsular da resistencia a Napoleão e da expulsação das suas tropas, que, sempre vencedoras, só conheceram revêzes quando a toda a sua bravura e á toda a estrategia do maior guerreiro dos tempos modernos se oppoz ainda a loucura hespanhola renovada e triumphante...

Essa loucura teve sempre rasgos gloriosos. Contase que os conegos da Cathedral de Sevilha, querendo reconstruir o templo, que é hoje o pismo e a maravilha da Andaluzia, tomaram em commun uma unanime resolução, em poucas palavras resumida na acta da reunião, ainda hoje conservada nos archivos do Cabido: — Faça-se uma Igreja que obriqe as gerações futuras a dizerem de nós: estavam doudos!

Ara, uma terra destas era a mãe predestinada de Ignacio, e, muito naturalmente, Voltaire, vendo a vastidão da obra erigida pelo genio e pela santidade de aquelle homem, vemol-a colossal e levantada por todo o mundo, deante de tamanho esforço e de tamanha empresa, disse: desse homem o que os conegos de Sevilha queriam que os posteror exclamassem deante da injuste das torres da sua Cathedral, dos seus pilares gigantescos e das suas naves profundas no recruzamento das ogivas porticadas.

Estava doudo! declararam a frivolidade humana pela boca de Voltaire.

A razão e a verdadeira critica historica não se contentaram, porém, com esse juizo, e a fundação da Companhia de Jesus continua a ser motivo das meditações do historiador e do critico e a sua extraordinaria Constituição, um monumento de sabedoria, de prudencia, de conhecimento da natureza humana, nunca assás investigado pelo philosopho e pelo politico.

Dissemos e repetimos: que podíamos descobrir, pelo menos, parte do segredo da duração, da inteireza e da plasticidade desse grande instituto religioso, estudando a vida do seu creador, desde o momento da sua conversão, até á data em que,

com a saneção da Igreja, ficou organizada a celebre Companhia.

Não foi ella uma invenção subita; não foi nem podia ser uma dessas improvisações, ás vezes generosas, ás vezes funestas e sempre ephemeras, com que o orgulho humano quer parellar o Creador, tirando alguma coisa do nada. Não sahio Ignacio do seu castello levando prompta e redigida em artigos e escripta a Constituição da sua Ordem, nem levou toda a economia della já regulada em decretos, tudo provendo e a tudo provendo. Queria fundar uma ordem destinada a produzir santos e a santificar os homens e, por isso, achou necessario, antes de tudo, ser santo elle proprio. Essa ordem devia correr o mundo, conviver com os homens, luctar com elles e por bem d'ellos, instrui-los e converter-los, e devia fazer da obediencia a sua grande força: e por isso Ignacio transitou pelas estradas de Hespanha, de França, da Italia, e foi ás Flandres, á Inglaterra e passou á Terra Santa, e soffreu fomes, enfermidades, doctos e prisões. Como assumia a missão de instruir os homens, aos 22 annos começou a aprender o latim e a grammatica, para passar á Philosophia e á Theologia, e sempre obedecem com fervor aos que sobre elle mandaram.

Ao cabo de alguns annos dessa vida de sacrificios e de ascetismos tremendos, não estava fundada a Companhia de Jesus, mas havia já o jesuita typo, o jesuita ideal, sobre o qual deviam, segundo Ignacio, ser os outros moldados: esse jesuita era elle proprio.

A vontade é um hum; a força de caracter é uma attracção irresistivel; onde apparece um homem dotado dessas energias latentes e invenciveis, agrupam-se fatalmente em redor d'elle os elementos de que elle precisa para a sua obra. Doze annos eram passados desde a conversão de Loyola, e a sociedade de salvação religiosa que elle sonhara ainda nem sequer tinha lançado os seus fundamentos. A toda a longa e penosa preparação a que Ignacio sujeitou sua alma e sua obra quiz elle acrescentar este outro factor — o tempo. Só as obras immensas são feitas da repente; as creações dos sabios são amadurecidas e longamente preparadas e, demais, alguém já disse que o tempo não resbenta sobre as cousas feitas com o seu concurso.

Correu Ignacio as escolas de Barcelona, as Universidades de Alcalá, de Salamanca e de Paris, e, mais do que ellas, a Universidade do mundo, vivendo não só como estudante, mas como santo, nos jejuns, nas macerações e na oração. Inventou um especie de gymnastica ou de methodo de Sanctificação da alma, que é o prodigio de psychologia e applicado pelo nome de *Exercícios Espirituaes*. Nesses praticas de auto-suggestão, baseada na observação interna, o homem desdobra-se em dois, sujeito e objecto: o sujeito é a nossa vontade, o objecto é a nossa proprio ser, que é contemplado por nós, como si fosse um extranho, examinado em todos os seus defeitos e em todas as suas fallas, exhortado em suas fraquezas, corrigido em seus erros, animado em suas boas disposições. Ignacio quer que o seu discipulo se considere a si mesmo abstrahido do mundo, isolando-se em absoluto pela força da sua vontade e da sua razão, e que a sua imaginação reviva longamente o fim da existencia dos homens e da sua propria vida.

Bem comprehendido de que o objectivo da vida do homem é conhecer a Deus, amol-o, sorvil-o, por esse meio, conseguir a eterna felicidade, o discipulo de Ignacio deve meditar sobre a vida de

Jesus Christo, modelo do homem novo e unico senhor a que elle deve servir. Para esses meditações, determino o auctor desses *Exercícios Espirituaes* o emprego de todas as nossas faculdades; para esse esforço convergem todos os nossos sentidos, e mais a memoria, a intelligencia, a vontade, a imaginação, a palavra ou a oração vocal, applicados ao exame particular da consciencia, a consideração da necessidade da acquisição de uma virtude, ou a de uma falta a corrigir. E tudo isto é previsto com uma minuciosidade, uma particularisação quasi infinita, uma força de observação da alma humana que, sem medo de errar, podemos dizer nunca ter sido conseguida antes de Ignacio de Loyola.

Que são, na verdade, minutas senhoras e meus senhores, os nossos celebrados psychologos de hoje, que na litteratura se orgulham de ter descoberto o methodo da observação applicado a alma humana e o segredo da lei das vibrações e das mysteriosas ressonancias dos milhares de cordas desse vivo instrumento que se chama o coração?

Ignacio incita os que confiam a sua alma ao seu methodo de aperfeiçoamento a se revestirem de coragem, fazendo abandono da propria vontade á aspiração do Espirito Santo, e faz da perfeição, não um estado attingivel de um saho, mas um caminho que, si é longo, tambem é aberto a todos.

Ora, quem chegou a este prodigioso conhecimento do homem e quem encerrava em si tanta força, devia ter o dom soberano de attrahir. Encontramo-lo em Paris, na Universidade, onde os hespanhões e os portuguezes tinham uma alta situação scientifica e onde já havia penetrado a fama de Ignacio e de sua santidade. Era elle um simples leigo e sempre um estudante.

Naquelle tempo, não se apprendia a prazo fixo, como em nossos dias, em que são precisos e marcados por lei tantos annos e mezes para se fazer um medio, tantos outros para se fazer um jurisco-sulto. Estudava-se nas Universidades e, enquanto havia vontade, estudava-se indefinidamente: o estudante viajava e atravessava fronteiras, para ouvir um grande professor famoso. Os estudos eram, por assim dizer, internacionaes e a sciencia não conhecia exclusivismos.

Assim vemos que, em Paris, o portuguez Gonçves, reitor de Santa Barbara, era um alto personagem universitario. Entrado nesse meio, julgou Ignacio chegado o momento de fundar sua ordem; tinha então na mente apenas o nome della — Companhia de Jesus. Esse titulo indicava o seu caracter militante, era de uma companhia de guerreiros de Jesus — organizada para combater pela Egreja. O general estava formado e tratava de recrutar os soldados.

Ignacio soube descobrir em Paris seis grandes homens. Extraordinaria fortuna aquella! Vemos na historia que ha paizes que, durante gerações inteiras, procuram um grande homem salvador, e Ignacio soube descobrir seis, somente em Paris! O primeiro d'elles foi Pedro Lefèvre, de Genezac; o segundo, Francisco Xavier, ilidago navarroiz, orador brillantissimo, que, na flor da juventude, era um professor de philosophia, eloquente e applaudido. Ignacio esperava a Xavier na occasião dos seus maiores triumphos e dizia-lhe: De que serve ao homem ganhar todo o universo, si vier a perder a sua alma? Esta phrase levou Xavier a abandonar todas as glorias do seu talento e a seguir Ignacio. Ganhou, depois, os hespanhões Leryoz, Salmeron

e Bolognilla e, por ultimo, o ilidago portuguez Simão Rodrigues de Azevedo.

No dia 15 de Agosto de 1534, na capella subterranea da Egreja de Montmartre, reuniram-se aquelles sete homens para assignar, numa cerimonia religiosa, o seu proposito de, todos, trabalharem pela reforma do mundo. Só um d'elles era sacerdote: Pedro Lefèvre, Foi o celebrante daquelle missa.

Não estiveram presentes grandes dignitarios da Egreja, nem poderosos principes catholicos, então occupados com as agitações politicas da época. As «movidas da Alemanha», expressão que então designava o protestantismo, haviam penetrado em toda a Europa: a Inglaterra renegara Roma; a Suissa, o Piemonte, a Saboia eram invadidos pelas doutrinas de Zwinglio. O calvinismo abstrava-se de Genezac por grande parte da Franga e, na Italia, já a corte de Ferrara havia abraçado a religião nova.

As forças do catholicismo e do protestantismo estavam equilibradas: os protestantes tinham a superioridade da sua posição de atacantes. A Egreja mal se defendia e a crise parecia de vez terminar pela queda da religião catholica.

O exercito da resistencia formaram-se, porém, na crypta de Montmartre. Fizerao aquelles sete homens voto de pobreza e de pobreza perpetua: Lutero havia-se casado, tinha filhos dentro e fóra desse casamento, e os bens confiscados aos catholicos eram repartidos entre os apostolos da nova religião. Lutero rompera todos os laços de obediencia ao Papa e aquelles sete homens fizeram o voto de, si, n' caso de se completado um anno depois de terminarem os seus estudos theologicos, não porem a pressa a Terra Santa e alli evangelisar, iram juntos a Roma jurar, aos pés do Papa, uma obediencia absoluta, incondicional, sem reservas, nem limites.

Era uma recolta, bem fraca em numero, bem fragil nos seus elementos miteriaes. Quella lha poderia propheticar o success?

Tres annos depois, Ignacio e seus companheiros estavam reunidos em Veneza, onde todos se tornaram sacerdotes.

Durante o anno em que permaneceram em Veneza e em outras cidades do norte da Italia, pregavam nas ruas, curavam doentes e os hospitaes e rebatiam as «movidas d'Allemanhas». Nunca lhes foi dado o conselho de partirem para a Terra Santa e, vencido o anno de espera da promessado Montmartre, dentro de pouco tempo, Roma os viu prosternados deante do Papa Paulo III, que já os conhecia pela fama das suas predicas e pelo rumore das suas virtudes. Pela Paschoa de 1538, estavam todos reunidos em Roma.

Propoz Ignacio que aos votos de pobreza e de castidade feitos em Paris, uma vez fundada a nova ordem religiosa, fosse acrescentado o de obediencia, para, dizia elle, «remissem além de nos nas vidas o lago de caridade que nos une».

Estudavam aquelles utopistas a base da nova ordem, discutiam os seus termos e adoptavam por maioria de votos as suas clausulas. Foram ellas sujeitas ao Papa — que as submetteu ao julgo do tres cardeaes, entenderam estas que era inconveniente a criação de uma nova ordem religiosa. Os cardeaes eram gravissimos personagens, naturalmente muito sabedores das leis da Egreja, todos muito illustrados, aureolados com o prestigio de serviços reaes ou suppositos, e, embora pertencessem á geração ecclesiastica que havia reduzido a

Egreja no último grau de perdição, tinham talvez o orgulho de se julgar superiores em tudo, em habilidade, principalmente, aos sete ou oito jovens que, com suas iniciativas, os vinham perturbar, tornando, pelo contraste da exemplo, patente a inutilidade dos chefes. Não diziam os cardeais, não são oportunas novidades: não convém a arriagem que projectais. Debalde lembraram-lhes os grandes benefícios feitos por outras ordens e a verdadeira reforma social e religiosa que, no século XII, haviam feito as ordens de S. Domingos e de S. Francisco. Dizia o cardeal Guidicioni que uma ordem religiosa acabava sempre degenerando e tornando-se mais nociva do que fora útil nos tempos do seu fervor primitivo.

Dispersou Ignacio os seus companheiros, ordenando-lhes que fossem pregar às cidades da Itália. O resultado foi estupendo. Lefevre regenerou e santificou a cidade de Parma; Laynez fez o mesmo em Placência; Rodriguez, em Siem; Bobadilla, no reino de Nápoles, e os mais imitaram-nos, com igual successo, em varios outros pontos. Antes, porém, de se separarem, deixaram todos por escripto que, no caso da sua Companhia se transformar um dia em ordem religiosa, os votos já desde então se considerariam feitos.

Foi nessa época que o rei de Portugal D. João III pediu ao Papa que mandasse a Portugal alguns dos companheiros de Ignacio para evangelisar as Indias Orientaes.

Partiram para Lisboa Francisco Xavier e Simão Rodriguez. Assim se pôde dizer que, antes de terem existencia canonica, já os jesuitas começavam a sua missão. Foi então que, contra toda a esperança, a noticia dos trabalhos dos companheiros de Ignacio e o reconhecimento dos seus grandes serviços mudaram os desígnios do cardeal Guidicioni e, finalmente, a 27 de Setembro de 1540, o Papa erigia a Companhia em ordem religiosa, approvando o seu nome e a sua forma.

Vamos agora admirar, senhores, Ignacio legislador. Pouca elle adive sobre a sua mesa as Constituições de outras ordens religiosas, oulha copiar de uma ou de outra, ou transcrever simplesmente a Constituição de qualquer dellas, methodo este de legislar que antes e depois de Ignacio tem sido usado. Ignacio era, porém, um homem de génio e, portanto, tal não fez.

Sabemos, graças ás revelações dos contemporaneos, qual o methodo de trabalho de Ignacio. Depois de muito meditar sobre um artigo da sua Constituição, escrevia as razões que militavam em favor desse artigo tal qual elle o concebera e, feito isso, escrevia também as razões contrarias. Assim, quando se tratava de saber si as egrejas da Companhia deviam ter patrimonio proprio, ou ser mantidas pela caridade dos fiéis, achou Ignacio e assignou-las um papel, que hoje ainda existe, não razões em favor de um dos alvitres ou quinze em favor de outro? E' proprio do homem superior o poder dissentir consigo mesmo. Não era Ignacio dos que, não acreditando na infallibilidade do Papa, não têm a menor duvida quanto á propria. Tal era o scrupulo, a cautela e a prudencia daquelle modelo de legisladores que, sendo um genio, assim procedia, deixando esse exemplo para maior confusão de todos aquellos que, tendo o mesmo não tendo genio, têm recebido ou assumido a missão de legislar.

Na fidelidade da consciencia, na pureza dos seus motivos, encontrava Ignacio esse segredo de legislar. Demais, Ignacio já tinha aprendido ou

adivinhado a Theologia e, como observa Talleyrand si não é irreverencia citar a tal proposito este nome, os estudos theologicos são uma admiravel preparação para a politica, pois dão ao espirito uma penetração e uma extraordinaria percepção das diferentes gradações da escala da importância e da natureza das causas na analyse das paixões humanas.

O que Ignacio queria era a fundação de um partido de opposição contra os fortes e os valentes do dia; não um partido de oitão, mas um partido de salvação de todos. Uma alma inferior e um espirito estreito, um mau christão, enfim, teria como programma o insulto, como methodo a invectiva. Si faltasse a Ignacio a elevação moral, que é a sua gloria e foi a sua força e a causa do seu successo, elle recomendaria aos seus fillos que, todos os dias, dos pulpitos, que eram os fornos do tempo, egualando a violencia heretica, insultassem a Luther, a Calvino e aos príncipes que lhes davam o apoio material das armas. Veríamos nesse caso, não a caridade de um Francisco Xavier, não a moderação de um Salmeron e de um Laynez, dirigindo-se aos adversarios, apresentando em colloquios os argumentos da razão e da fé, trabalhando pela pacificação, reconhecendo e emendando nos conselhos os erros dos seus proprios correligionarios, para tirar aos inimigos os melhores dos seus argumentos contra a Egreja. E, si Ignacio fosse pela politica do odio contra a benevolencia, do amor e da caridade, a sua obra teria de perecer ao nascer e nós não estaríamos hoje aqui a glorificá-lo.

Como todos sabemos, as ordens religiosas são um producto natural e espontaneo da religião; mesmo fora do christianismo, nós as encontramos, como entre os budhistas e os musulmanos. São a resultante do espirito de solidariedade proprio á humanidade e que se pode chamar o instinto da associação. No mundo catholico, ellas representam um papel moral que nunca desempenharam noutras religioes.

Constituem verdadeiras associações de seguro da salvação das almas. Os prudentes, os que julgou essa salvação difficilissima nas tentações, nos prazeres e nos perigos do mundo, assaíam-se para a obra da perfeição. Para essas ordens vão ou devem ir os que não se satisfazem com a simples observação dos preceitos e querem a observancia rigida, accentuada pela penitencia rigorosa da virtude. As ordens religiosas são a vanguarda da Egreja e, si podessemos comparar as causas da religião ás da politica, diríamos que ellas são o partido exaltado do Catholicismo.

Duas tinham sido as formas de uma ordem religiosa até ao tempo de Ignacio, e essa dupla modalidade achamos a sublimemente symbolisada no Evangelho de S. Lucas, que nos conta como Jesus Christo, chegando a Betânia, foi hospedado em casa de Martha e de Maria. Emquanto aquella, exercendo a virtude da hospitalidade, lidava pela casa em arranjos e aprestos motivados pela presença do hospede, Maria, sua irmã, sentada aos pés de Jesus, ouvia as suas palavras. Ambas serviam a Jesus, porque ambas o hospedavam; cada uma, porém, a seu modo: Martha representa a ordem religiosa activa e militante e Maria, a ordem contemplativa. Ignacio procurou aliar á sua ordem aquellas duas vidas, o que não era impossivel, porque Martha e Maria eram irmãs e não, inimigas.

O fim do novo instituto era a propagação e a

defendida e digna e Catholica, o progresso das almas na doutrina e na pratica da vida christã. Para isso, deviam os seus peregrinos das diferentes nações da terra obedecer ás ordens do Papa e do seu general. Tomados separada e exclusivamente, nem a vida militante nem a contemplativa convinhão ao seu desígnio. O religioso contemplativo, vivendo na solidão e no silencio e nas consolações da vida interior, não poderia vir promptamente para qualquer ponto da terra onde houvesse mais necessidade de servir a Deus e ser útil ao proximo, o que é essencialmente a vocação da Companhia. — Não convinha nos fillos de Ignacio a vida exclusivamente activa, porque, querendo salvar as entras almas, não deviam descurar das suas próprias e se tornarem semelhantes ás montanhas escarpadas, que, recebendo das chuvas do céu a fertilidade, espalham-na pelos vales e ficam ellas proprias sempre estérteis (1).

Para garantir a seus fillos a santificação religiosa da vida contemplativa, instituiu Ignacio um noviciado de dois annos e consagrou mais um, inteiramente empregado na cultura e na formação da alma. O jesuita não é adstricto nem á clausura, nem ás orações em côro de outras ordens, mas assiste-lhe a obrigação da oração mental quotidiana, do retiro e dos exercicios espirituaes repetidos, de meditações pelo methodo que lhe transmittiu Ignacio, mestre da alma humana, em que consegue o homem sair em raptos, não só do mundo, como de si mesmo. E, além disso, prescreve-lhe as orações, os exames de consciencia, o exame particular, tudo por objecto da acquisição de uma virtude, ou a extirpação de um defeito dominante, a inteira obediencia ao director espiritual, as exhortações reciprocas, as leituras e as conferencias espirituaes. Queria Ignacio que, em todos estes meios de aperfeiçoamento religioso, os seus fillos, empregando-se no serviço da salvação do proximo, não corressem o risco de se pacerem com esses supportos ou factores de mediocridade que sustentam as cepas do vinhedo e que, enquanto a vinha se cobre de parras e fructos, e continuam sêccas, estérteis, sem vida e proprias para o fogo (1).

Para satisfazer ás necessidades da vida religiosa activa, impoz Ignacio a seus fillos a obrigação da cultura intellectual, cultura litteraria e cultura scientifica recebida e distribuida pelos jesuitas, desde os primeiros elementos da grammatica, até ás mais altas cogitações da philosophia e da theologia.

Fazendo um voto de obediencia particular ao Papa, a ordem de Ignacio reunificou, contudo, a todas as dignidades da Igreja. Os jesuitas reunificou os beneficeios, os canonicatos, as honras, nos bispos e archieps, ao cardinalato.

Isto dava aos esforços dos jesuitas do século XVI contra os protestantes esse incomparavel prestigio que, nas contendas humanas, tem sempre o contendor cujo desinteresse é provado.

E não ha maior garantia de independencia e de liberdade, do que o desprendimento das vantagens e dos proveitos. Não quiz Ignacio que os seus fossem privados desse bem supremo. Garantia-lhes outra independencia: a da pobreza. São mais terribes nas marchas e operações de guerra as tropas aligeiradas de bagagens.

Quanto exercito não têm succumbido, arrastados e perdidos pelas difficuldades do transporte dessas bagagens, a que os romanos, com acerto, chamavam *impedimenta*, para indicar que, na guerra, ellas são impedimentos e obstaculos á liberdade de movimentos, isto é, á victoria?

Quiz tambem Ignacio, se elle legislava, trezentos annos antes de 1789, que a egualdade fosse absoluta entre os seus fillos. A autoridade conferida a alguns d'elles sobre os demais não importava nenhuma regalia material, nem nenhuma signal exterior de honra, de precedencia ou de superioridade.

Não quiz, tão pouco, se elle dictava suas leis tres seculos antes da fraternização dos povos, proclamada pela Revolução que as nacionalidades constituíam seções do seu instituto, com separações exclusivistas. E, por ultimo, elle fez da obediencia a pedra angular de todo aquelle edificio.

Esta palavra obediencia é uma palavra antipathica á anarchia do nosso tempo, em que ha via todos nós o phrenerio de anular; mas a obediencia é ás vezes o mais nobre emprego que o homem pôde fazer da sua liberdade. Pela obediencia, os homens reunidos podem concentrar os seus esforços; pela obediencia o homem dilata o poder efficiente das suas forças individuais. O que um homem isolado não pôde fazer, realisa-o desde que, sujeito com outros ao laço da obediencia, todos actuam como um, sendo como si fossem em uma unidade da sua acção. Pela obediencia, o homem evoca o que isolado e livre não pôde erar.

E Ignacio, para a sua grande obra, não podia dispensar a obediencia, a obediencia livremente prestada, mas a obediencia absoluta, impassivel, tendo todas os jesuitas a impossibilidade de um claver, sendo cada um impassivel nas mãos do superior, como o bordão do auctoridade por este levado, servindo para a fadiga do caminho, mas sem dar alívio jámais sobre a jornada.

Eis, minhas senhoras e meus senhores, como nasceu e como foi formada a Companhia de Jesus, de que foi Anchieta uma das maiores glorias.

Vejamos qual foi a sua missao deste lado do Atlantico.

I

Foi nesse século de Ignacio, minhas senhoras e meus senhores, que a Igreja Catholica, arrebatada quasi metade do seu rebanho, viu armados esses novos pastores guerreiros.

Ao mesmo tempo, as descobertas maritimas dos portuguezes e dos hespanhões alargavam o mundo e mostravam a Roma que, em trezen nações perdidas na Europa, poderia ganhar um continente inteiro, muito maior que a Europa. Manter no velho mundo as posições conservadas e ganhar a America, deve ter sido então o programma da Igreja.

Quanto mais longe está o reino que se quer dominar, quanto maior é elle e quanto mais difficil são as traças e as luctas da empresa — tanto maior é o empenho de enviar para essas guerras tropas de jovens e entusiastas. Para as grandes campanhas não se mandam veteranos; esses ficam á guarda dos lares; mas vai-se aos campos tirar do mundo os braços mais agéis da juventude. Para a conquista espiritual do Novo Mundo, a Igreja Catholica devia forçosamente empregar seus soldados mais jovens. Isto é, os mais fortes e os mais ardentes. Nesse tempo eram os jesuitas.

Não me é possível pintar-vos, ainda que rapidamente, o quadro da evangelização do Novo

(1) JERONIMA: *Historia di Ignacio de Loyola*, Liv. III, cap. III.

(2) JERONIMA: *Loc. cit.*

Mundo. Direi apenas que a obra da Egreja foi uma obra da civilização e de humanidade e que os seus principais operários foram os jesuítas. A história nos ensina, e isso é uma coisa que muito deve diminuir o orgulho da nossa superioridade em relação ao selvagem, que uma razão civilizada, em contacto com uma raça barbara e inferior, revela singulares e inesperados instinctos de ferocidade. As scenas que as solidões africanas têm presenciado, nestes ultimos annos, têm sido para nós uma lição de historia.

Temos visto, perpetradas por alguns de nossos contemporaneos, que julgavamos mais civilizados que os hespanhões e que os portuguezes do século XVI, as maiores atrocidades. E ellas têm sido tantas que, neste tempo, em que nos esforçamos por diminuir, com razões scientificas, a responsabilidade humana e a culpa dos criminosos, já se tem aventado a hypothese de uma enfermidade mental esplendorosa de crimes praticados pelos civilizados contra os selvagens e absolutista da perversidade dos representantes das chamadas raças superiores contra os individuos das raças denominadas inferiores. Seria essa doença um desequilíbrio nervoso causado pela solidão, seria alguma coisa de anormal; — o que é certo, porém, é que sempre se tem falado nesse pretensão estulto morbido, todas as vezes que, ao voltar d'Africa alguma expedição, se tem discutido e querido liquidar, na imprensa européa, a verdade sobre os crimes das expedições africanas dos Stanley, dos Peters e dos Segonzacs. E escolhemos esses tres nomes para indicar que inglezes, allemães e francezes, filhas das tres principais potencias civilizadas da Europa de hoje, têm sido réos de crimes iguaes áquelles que nos horrorisam na historia da conquistada America.

A crueldade da Hespanha para com os indigenas, como disse um poeta hispano-americano,

Crimes fué del tiempo, no de España.

E esses crimes seriam de certo maiores, si a conquista da America tivesse sido confiada pelo Desdigno regulador da historia a uma potencia protestante e não a paizes catholicos do século XVI, como eram a Hespanha e Portugal.

Vimos que os protestantes do século de Lutero tinham a convicção de que as boas obras praticadas nesta vida de nada serviam para a felicidade da outra. Ora, sendo assim, como poderiam elles querer varar pelas matias, socorrer os indios, os enfermos, consolar os velhos, ensinar as crianças, espantar a todos pela sua pureza e sua paciencia? Como poderiam elles, arriscando a propria vida, penetrar nos acampamentos indios para salvar prisioneiros votados á morte e ao banquete do anthropophagia? (*Muito bem! muito bem!*)

Não é humano o esperar de alguém sacrificios fúteis, ou heroismos sem recompensa.

Os protestantes francezes que, no século XVI, se estabeleceram na bahia do Rio de Janeiro, apesar de tanto enauverarem os seus chronicistas as boas relações da sua nação com os indios, nada fizeram pela civilização destes. Ao contrario, frousa que nunca se deu com os portuguezes foi uma boa parte dos representantes da raça civilizada que se tornou selvagem e talvez anthropophaga, embrenhando-se pelas matias. Embora Villegaignon, o religioso guerreiro da Ordem de Malta, fosse generoso e justo com o gentio, os seus socios protestantes não podiam falar á alma dos indios. O protestantismo, desprovido de todas as expressões affectivas e emocionantes do culto catholico,

é uma abstracção, é uma negação, e o selvagem não comprehende abstracções e tem sede de certeza e de positiva affirmacção. E os francezes desprezavam os indios. Villegaignon punia com pena de morte a mão dos seus soldados com as indias, e o nome injurioso e cínel de *hougre*, que elles tiravam da lingua franceza e applicaram nos indigenas e que nós herdamos, diz bem os sentimentos d'elles para com os selvagens. Os ministros calvinistas que impunham as mãos sobre as cabeças dos neophytos indigenas paraos admittrassim na Egreja de Genebra não conquistavam almas.

Os actuaes exploradores d'Africa, de quem tantos horrores se contam, são mais ou menos adeptos do scientificismo moderno. Ora, a sciencia não ensina a caridade, a sciencia não prega a fraternidade. O que a sciencia ensina é a lei da sobrevivencia do mais forte e do mais apto, é a eliminacção do fraco e, por isso, luta, na Africa, o branco quer apenas sobreviver sacrificando o negro. E' rigorosamente scientifica esta politica. Para a religião, a unidade da raça humana, e, portanto, a fraternidade, é um dogma, e para a sciencia, essa unidade é, quando muito, uma hypothese. Isto explica tudo.

O nosso século tem alguma similhança com o XVI, nisto que, no século XIX, tambem foi iniciada e levada avante a colonização de vastos territorios do globo. A lição da historia de ha trezentos annos e a de hoje nos ensinam que ha tres methodos, tres maneiras de uma raça superior dominar as terras habitadas por uma raça inferior. Isto é, na realidade, de despejar essa raça, acção mais ou menos violenta, para a qual a nossa hypocrisia achou esse eufemismo do verbo colonisar.

Ha o methodo que poderíamos chamar instinctivo ou, talvez, scientifico e que consistiu na destruição dos primeiros occupadores do solo. Foi o que fizeram os hespanhões nas Antilhas, no primeiro impello de sua cabient, antes que a Egreja e, sobretudo, os jesuítas se tivessem interposto entre os fortes e os fracos para a salvagão destes. E' e foi este o methodo norte-americano, que tem prevalecido, apesar dos protestos e dos estorços das almas generosas. E' este o methodo inglez no Cabo de Boa Esperança, na Austrália e na Nova Zelândia.

Ha o methodo mercantil, de que nos têm dado os inglezes, e, principalmente, os hollandezos, os mais numeroz exemplos. Chegou a um paiz, assenhoreou-se de um ou mais pontos, na costa, estabeleceram emporcos e negociam com os indigenas. E negociam tão pouco christamente, que um proverbio dizia: «O inglez, ao passar ao Extremo Oriente, deixa a consciencia no Cabo de Boa Esperança para retornar a na volta». (*Risos*) Os hollandezos luthermos, depois de martyrisados e mortos no Japão os milhares de christãos que alli suscitara a pregação de S. Francisco Xavier e de seus irmãos, podiam negociar em certos pontos, desde que se prestassem, como faziam, a pisar nos pés um crucifixo. Nesse commercio, o europeu cingia pelo dolo e pela astucia, desmoralisava pelos seus maus costumes, envenenava pelo alcool ou pelo opio, contaminava e mata, pelas suas doenças, as populações nativas. Os hollandezos aliam-se aos pequenos despotas, a quem subjuguam, corrompem e fazem instrumentos de uma opressão destinada a extorquir tributo ou, sob diferentes nomes e formas, o forçado trabalho da escravidão. E ha entre nós, brasileiros, quem lastime não terem os hollandezos findo soffreres

do Brasil! Esta queixa do destino é fútil, porque, como finalmente observou na primeira vez, Assis Brasil, caso os holandeses tivessem feito desta terra um país bem governado e feliz, não seríamos nós que aqui estaríamos gozando esses bens, mas sim os holandeses e os seus descendentes. E de mais, tudo quanto os holandeses têm feito no resto do mundo nos leva a crer que, senhores elles do Brasil, esta terra seria uma vasta feitoria, originada com methodo, com ordem, com energia, talvez, mas seria uma colonia em que uns poucos brancos seriam tyrannos de milhões de indios e de negros. Com a colonisação portugueza e catholica, viemos a ser, com todas as nossas fraquezas, com todas as nossas reaes ou pretensas vantagens ethnicas, viemos a ser nós mesmos, isto é, uma nação e um povo! (*Bravos! Muito Bem!*)

O Brasil, como toda a America Latina, é um exemplo de que ha um terceiro methodo de colonisar, que poderemos chamar, sem erro, o methodo catholico.

É um facto bem conhecido de todos que estudam a historia da colonisação que os hespanhoes e, talvez, um pouco mais ainda, os portuguezes, são os europeus que mais e melhor se alliaram ás diferentes raças que elles têm encontrado pela terra, na sua missão de descobridores e povoadores do mundo. E isto é um attestado de força e de vitalidade incontestáveis, que se revela nos climas mais ardentes.

É sabido que os inglezes e holandeses, colonos em regiões equatoriais, mandam os filhos em tenra idade para a Europa, afim de, retomados nas brisas marinhas e no frio do norte, poderem viver aquellas crianças, que nupreariam, e fenece-riam, como flores, na estufa mortal de um clima abafado.

Como poderia essa raça florescer nas regiões equatoriais e tropicaes, hoje occupadas na America pela fusão do sangue ibérico com o sangue indio e africano? Bemal, parece que na partilha da herança territorial da humanidade, no Mundo Novo, foi observada uma lei: aos europeus protestantes do Norte coube a America do Septentrão, aos europeus meridionaes e catholicos coube a America do Sul.

Ufan-se aquella de todas as suas grandezas; tenhamos nos o nosso orgulho: o de sermos um povo que deve a sua existencia, não á trucidación de uma raça inteira, hecatombe que o protestantismo não impediria no Sul, como não soube impedir outras regiões, mas á fusão de raças oppositas, diversas de origem, e que o catholicismo, renovando o seu antigo prodigio da christianisação e da absorção dos barbaros, soube tambem na America ensinar, civilisar, abençoando a união fecunda das raças, de que deviam brotar tantas nações (*Applausos*).

Ao chegarem os primeiros jesuitas vindos para o Brasil, havia meio seculo da descoberta. Os resultados da colonisação até então haviam sido quasi nulos. Cultivava-se algum assucar em S. Vicente, parece mesmo que em Pernambuco, com o indio escravizado mas o indio, na escravidão, protestava morrendo, e os seus irmãos da floresta atacavam e, muitas vezes, destrugavam os portuguezes. Não se pensava, por assim dizer, em catechese.

O clero que ao Brasil importava era o mais clero portuguez do seculo XVI, ainda não reformado e santificado pelo Concilio de Trento e que tantas legiões custara ao Santo Arcebispo Bartholomew

dos Martyres, que trabalhava pela sua emenda. Era, por vezes, individuos isolados das ordens religiosas decabidas. A sua predica era nula, a sua vida, pouco edificante, o seu fim, desastrado. Apenas apparece a figura de um frade desconhecido e heroico, cujo nome a historia não conserva e que, embora não soubesse uma palavra da lingua indigena, metteu-se pelos matos, pregando em portuguez, dizendo que a palavra de Deus salvava o homem embora não entendida.

O martyrio foi a recompensa da sua fé.

Os jesuitas foram os primeiros clerigos que apprehenderam a lingua indigena e nella pregaram. Vieram elles para o Brasil, quando veio o primeiro governador-geral Thomé de Souza, e assim, na mesma occasião em que a ordem civil se regularizou pela sua centralisação, o Brasil religioso começava, por assim dizer, a ter uma existencia real.

Uma voz mais competente do que a minha, na série destas conferencias, vos dirá como os jesuitas catechisaram e como o illustre Nobrega, o incomparavel Anchieta e os seus irmãos reduziram os indios, pela doçura de sua palavra, pelo prestigio de sua pureza, pela belleza das ceremonias catholicas, pela harmonia dos seus canticos.

O nosso historiador, o eminente e eccentrico Varnhagen, que tem toda a dureza de um saxão que era, e uma inexplicavel indole deprimida de toda grandezza e de toda belleza, que é, enfim, o homem que em fassa historia menosava de todas as heroicidades, da de Anchieta e da de Tiradentes, diz que os jesuitas foram outros Orpheus, que souberam humanisar as feras.

Varnhagen era partidario da exterminação do indio, e no seu singular patriotismo odiava o caboclo brasileiro.

E o caboclo é, no entanto, um homem que todos devemos admirar pela sua força e porque, afinal de contas, é elle que é o Brasil, o Brasil real, bem differente do cosmopolitismo artificial em que vivemos nós, os habitantes desta grande cidade. Foi elle quem fez o Brasil. (*Applausos prolongados*)

Foi o filho do portuguez e do indio, o homem chamado desprezivelmente *mameluco*, que descobriu este grande paiz, e este enorme factor historico não teria apparecido, si a catechese, a redução, o aldeamento, isto é, a domesticação do indio não tivesse sido feita pelos jesuitas.

O jesuita mostrou-se mestre na arte de colonisar. Instava Nobrega para que da Europa viessem ao Brasil orphãos, «ainda» dizia elle, na tenridade do seu zelo, «ainda que fossem *errados*, pois que todas casariam, visto ser a terra muito *grossa* e *larga*» (1).

Nobrega fez com que os seus padres apprendessem o *lupi*, lingua de que alguns foram mestres e grammaticos.

A companhia de Jesus espalhou da Bahia os seus combatentes por todo o Brasil e com isso, favorecendo a unidade provincial da Companhia, d. Varnhagen, concorreu muito para favorecer a do Brasil, entabulando mais frequencia de noticias e relações de umas villas para outras, e contribuindo, com as pacificadoras palavras do Evangelho, para estabelecer mais fraternidade entre os habitantes das differentes Capitâneas.

Na sua tarefa de salvar as almas, não descurava

(1) Carta d. 9 do Agosto de 1549.

um das coisas materiais que entendiam com a felicidade do homem e a prosperidade da terra. Assim, Anchieta escreveu a sua celebre relação de 1560, dando conta do clima, das plantas e dos animaes do Brasil. Ha tambem uma carta dirigida, dezoito annos depois, a Gaspar Schetz, de Antuerpia, o proprietario de um grande engenho de açúcar, em S. Vicente, em que Anchieta se occupa da administração do engenho e da sua direcção, informando a Schetz, de que se passava na sua propriedade (1). Nada era indifferente aos jesuitas, porque tudo quanto interessava o homem se relacionava com o problema da sua felicidade e da sua salvação. Este foi sempre o sentimento e a pratica dos santos fundadores desta terra!

O maior serviço da Companhia foi, porém, a fundação desta cidade de S. Paulo, onde hoje estão reunidos (também sob a ameaça de desaparecer na onda estrangeira) os descendentes das raças fundidas, e onde, depois de quasi tres seculos e meio, ha a ventade do alfinar, pelo modo mais solenne, a nossa existencia social, prestando homenagem a um heroe da nossa velha historia. (*Muito bem!*)

Estacionara aqui de passagem Martin Affonso, quando veio de S. Vicente visitar estas collinas habitadas por indios-amigos. Foi, porém, em Janeiro de 1554, que aqui se estabeleceram os jesuitas, tendo como chefe o padre Manoel de Paiva. Veiu com elle, e como mestre escola, o frade José de Anchieta, e muito orgulho devem ter os nossos professores publicos de um tal collega e tal predecessor.

A razão dizia e a experiencia demonstrava que a obra da civilisação do indio não se podia fazer em S. Vicente, ou em Santos. O contacto immediato com a gente do mar, forasteiros e aventureiros, era corruptor e fatal; e, por outra parte, a raça européa não podia medrar, no começo de sua immigração tropical, na costa, onde o clima lhe é decididamente desfavoravel. A acclimação definitiva da planta humana européa não era possível num paiz torrido, sem o enxerto na planta indigena, e este enxerto se robustece, fructifica na perfeição, quando a raça immigrante encontra um meio climaterico não muito diverso daquelle da sua origem. Hoje, os plabedores da colonisação africana descobriam as vantagens da occupação do chamado *hinterland*, isto é, a conveniencia do estabelecimento dos colonos europeos nos planaltos do interior, em zonas onde a altitude, corrigindo o ardor do clima, vivifica os pulmoes, nutre a atmosfera fresca e tonificante do organismo.

Os jesuitas comprehenderam, ha tres seculos, isto que só hoje descobrimos.

As collinas de Piratininga eram um admiravel campo dessa grande experiencia, feita a instancia e por esforços daquelles incomparaveis colonisadores. E' curiosa e natural a admiração com que, no seculo XVI, XVII e XVIII, falam do clima de S. Paulo os escriptores do tempo, e dos colonos da nova povoação. Havia aqui o clima quasi igual ao da Europa. Falam todos na abundancia do trigo, das uvas, de que se fazia um vinho salubre, alheio antes de ferver de todos os humores das peras, das maçãs, dos perejillos, das rosas e mais flores europeas.

A pequena igreja que os jesuitas plantaram, em S. Paulo, junto a sua igreja, é um lugar celebre na historia das plantas no Brasil. Ali se cultivaram pela primeira vez as especies indigenas novas para os colonos, ao lado das velhas plantas classicas trazidas da Europa, plantas ligadas á historia das raças e que estas transplantam nas suas migrações com as suas tradições e os seus altares. Diz-nos Anchieta que havia no seu tempo um poço de boa agua no claustro e que, na cerca, havia rosas, cravinas, lyrios brancos e roxos. Do parapeito dessa cerca sobre o despendadeiro, dominava a vista o horizonte, e Anchieta podia ver para o norte estendida aquella terra dos futuros paulistas, terra, dizia elle, de grandes campos, fertilissima de muitos pastos e gados, de bois, porcos e cavallos, etc., e abastada de muitos mantimentos. «Nellas—diz ainda Anchieta, dezoito annos depois da fundação de S. Paulo,—se dão uvas e fazem vinho, ha marmelos em grande quantidade e fazem-se muitas marmeladas; ha romceiras e outras arvores de fructo das terras de Portugal».

Hoje que S. Paulo soffre a miséria de ser obrigado a importar do estrangeiro tudo quanto se refere á casa, á alimentação e ao vestuario, causa inveja aquella abundancia, e o economista pergunta a si mesmo qual a causa natural ou politica da carestia sem exemplo em que vivemos. Porque não progrediu aquella produção, porque, apesar de tantas condições favoraveis, após perto de quatrocentos annos, a nossa produção das coisas necessarias á vida é quasi nulla?

Ou fosse a fatalidade historica que tornou os colonos em heróicos vagabundos, errantes pelo territorio do Brasil, em mineiros aventureiros, em senhores de escravos.—o facto é que o paulista antigo cedo abandonou a agricultura, não da riqueza e da civilisação, e hoje o seu descendente exerce-a com imprevidencia, apenas nas condições excepcionaes, industriais e tambem instaveis e aventureiras que tambem sabemos. Anchieta bem conhecia a nossa terra e os nossos paes, e bem nos adivinhava no futuro, quando chamou o Brasil: «terra desleixada e remissa e algo melancolica» (1). (*Riso*).

Parce até que naquelle tempo a cultura das cerejas e das fructas era muito maior e mais preciosa do que é hoje, para o que concorreu talvez a possível mudança do clima. Insistem, muito os chronicistas no frio intenso, que perdurava por longos mezes, e nas grandes continências, que hoje não observamos.

E' provavel que a destruição das mattas e a dessecção das varzeas tenham modificado a temperatura. Seja isso verdade, ou não, o facto é que, reduzido ao Christianismo, isto é, á paz, um grande numero de familias de indios, aqui ficou logo formado o centro donde deviam irradiar a descoberta e a colonisação do Brasil. Resistiu S. Paulo aos ataques dos tanos inimigos e, dessa data em diante, ficou seguro o seu futuro e começou a funcionar como uma officina de homens. Homens mestiços, não de um typo inferior, porque não é inferior, como tem verificado todos os americanistas, o typo resultante do branco e do indio. Nesse cruzamento, si o branco entra com um cerebro mais desenvolvido, que se reproduz no seu des-

1) R. P. F. Kieckens, S. J. *Um Sacreie Anunciado no Brasil, à fin do XVI século. Antvers, 1884, pag. 7.*

2) *Informação de 1585, nos Materiaes e Actos para a Historia e a Geographia do Brasil. Rio de Janeiro, 1884, pag. 46.*

cedente, o índio traz para o novo typo a agudeza da sensibilidade dos seus sentidos e a agilidade elastica dos seus musculos, sentidos, e musculos um tanto atrophados no homem civilisado.

Não tivessem os jesuitas tornado os indios sedentarios e mansos, e esse cruzamento, a que devemos pôde dizer-se a quasi totalidade da população brasileira, não se teria dado.

Os portuguezes, ou teriam destruido todos os indios, ou estes teriam destruido todos os primeiros estabelecimentos portuguezes, retardando por um ou dois seculos, quem sabe? o povoamento e a civilisação do Brasil. Graças aos jesuitas, escapou a humanidade, no Brasil, a esses desastres.

No curso desta conferencia, temos comparado o que se passa na Africa ao que se tem dado na America. Oliveira Martins, com a superioridade de percepção que lhe era propria, incitando os portuguezes a estabelecerem colonias nos planaltos africanos do Alto Zambéze e do Shire, citava-lhes sempre o exemplo de S. Paulo (1) e, em parte attribuia o relativo insuccesso portuguez na Africa aos estabelecimentos formados no clima desfavoravel da costa. De S. Paulo, diz-lhe, ponde sair a raça que fez o Brasil; tivessemos nos tido outro S. Paulo, e creríamos tem Africa outro Brasil.

Realmente, muitas senhoras e meus senhores, como sabeis, o Brasil foi feito pelos paulistas. Sem elles, a lingua portugueza seria falada apenas numa estreita faixa de territorio paralelo ao Atlantico. O celebre meridiano com que Alexandre VI dividia o mundo no seculo XV, tão arbitrariamente como a conferencia de Berlim, em 1884, dividia a Africa, passava pouco a leste do centro do Brasil actual. Não fossem as invasões dos paulistas feitas para o occidente, desdoando os nossos rios da bacia platina que-lhes serviam de caminhos, rios que tem a singularidade de, nascendo perto do mar, correrem para o interior das terras, o dominio hespanhol seria quasi total na America do Sul.

Prevalecesse essa linha divisoria e toda a Amazonia, todo o Matto Grosso, todo o Rio Grande e grande parte de Goyaz, S. Paulo, Paraná e Santa Catharina, pertenceriam á Hespanha. Foi o paulista quem, na America do Sul, alargou os dominios de Portugal, demarcando e baptizando o Brasil do futuro.

O mameluco paulista, quando deixava o caminho dos rios, antes de invadir as terras de Hespanha, atravessava a floresta branca dos pinheiros do Paraná, que lhe davam o sustento, e, antes de mais largas excursões, deixava plantada alguma parte a roça do milho indio, que em, na volta, a alimentação armazenada no deserto. E essas excursões até onde foram? Essas odysseas, cujo fim era captivar indios e buscar ouro, foram desde o Amazonas até ao Prata (como se diz nos discursos) e desde o mar até aos Andes.

Nesta vida tiveram-lhes luctas com os jesuitas. Foram luctas para cujas excessos a historia tem com razão decretado mercedas amnistias. Como exigir que homens em cujas veias corria ainda quente o sangue da anthropophagia dos avós, ou de seus paes, considerassem a escravidão um crime? E, si os jesuitas, oppositos á escravidão dos indios, queriam no seu zelo governal-os, demasia-

do, segundo se queixavam os mamelucos, os jesuitas pugnavam pela humanidade. Como diz Montesquieu, falando dos jesuitas: «Será sempre bello querer governar os homens para os tornar felizes.» (2)

A obra dos jesuitas faz a admiração de todos os historiadores. São milhões e milhões de seres que viviam como feras e cujos descendentes hoje vivem como homens. São rios, lagos, montanhas e planicies revelados ao mundo por esses innumereaveis viajantes da Companhia, que eram santos, geographos, escriptores, historiadores e naturalistas e cujas obras sobre as novas terras formam por si só Bibliotecas, que a posteridade rele, sempre aprendendo.

Sem falar no Mexico e no Perú, cujas populações, em parte, foram salvas da morte por elles e por outras ordens religiosas, pôde dizer-se que as tres grandes maravilhas dos jesuitas na America foram o Brasil, o Canada e o Paraguay. Do Brasil, primeiro theatro dos seus trabalhos, foram os primeiros jesuitas que subiram o Prata e foram civilisar o Paraguay; esses jesuitas, hespanhoes, italianos, irlandezes e portuguezes, haviam já praticado no Brasil, na escola de Nobrega e de Anchieta, e para o Paraguay levavam seu sublime espirito. Foram mandados por Anchieta, em 1587, quando exercia o cargo de Provincial. Foi o Apostolo do Brasil, de certo modo, o fundador das christandades jesuiticas do Paraguay. Essas celebres reduções, objectos de tão sangrentas luctas, onde tantos crimes perpetraram os paulistas e onde tanta cousa extraordinaria foi feita, constituem um dos mais curiosos pontos da historia da America. Reinava até poucos annos muita confusão nas datas e pôde dizer-se que, antes do sr. Barão do Rio Branco, que é hoje o homem que mais conhece a historia do Brasil, eram confundidos os nomes, os lugares e as datas da fundação e da destruição dessas antigas reduções, cuja historia se relaciona com a do Brasil e especialmente com a historia de S. Paulo. Hoje, graças ao sr. Barão do Rio Branco, que applica ao assumpto aquella sua grande erudição historica e geographica que ao Brasil já valeram e hão de valer triumphos diplomaticos, ha ordem e clareza no assumpto.

Mais interessante, porém, do que as datas, são os factos, e quando os paulistas, armados de espadas e vestidos de couros de couro, á moda de dalmatias, protegendo as suas setas, e ao som de caixa e de bandeira desfaldada, conforme nos conta o Padre Montoya (2) assaltavam as reduções indianas, achavam á sua testa os jesuitas.

Poucas paginas mais commoveintes e tragicas tem a historia do que a dos padres jesuitas, que, vindo aprisionados e captivos os seus filhos espirituos, acompanhavam-nos a pé, desde o Paraguay até S. Paulo, consolando os nos castigos e nos tormentos, animando-os com a celeste esperanza.

As caçadas humanas de paulistas duraram até a data em que os jesuitas com-lheira, real armaram os seus povos. Os nossos mamelucos foram reeducados, encerrou-se a historia de suas correrias, e as reduções do Paraguay tiveram paz mais de um seculo, sob este governo jesuitico, que desde Montesquieu até Augusto Comte tem recebido a admiração de todos os genios e insultos de todos os ignorantes.

(1) Oliveira Martins: O Brasil e os colonias Portuguezes. Liv. IV, cap. VII.

1. Esprit des Loix. Liv. IV, cap. 6.

2. Montoya: Conquista espiritual, § 75, pag. 92.

No século passado, Pombal, que tinha a singular mania de regular sua política pelo que della dissessem os estrangeiros, inundou a Europa de livros e folhetos, em todas as línguas, contra os jesuítas e, especialmente, os do Paraguay.

Das estantes dessa livraria, em grande parte formada em fins do século XVIII, contemplamos muitas dessas obras, hoje vetadas no repouso do esquecimento, e deve ser uma contradição para os espiritos daquelles escriptores officiaes, defunctos colaboradores do defuncto tyrannus, o terem de assistir, presentes nas paginas de seus livros, a esta solemnidade, em que são hollradas as suas victimas d'outrora.

Preparava Pombal o golpe da expulção dos jesuítas dos domínios portuguezes, facto que foi para o imperio ultramarino portuguez outro Alcazar, Kébir, como do século XVI para o reino lusitano. Com a expulção dos jesuítas, no século passado, a civilisação recouo centenas de leguas dos centros do continente affricano e do Brasil. As prosperas povoações do Paraná e do Rio Grande caíram em ruínas; os indios volveram à vida selvagem; as aldeias do Amazonas despojavam-se e, até hoje, refumam a solidão e o deserto. Não havia já a sociabilidade humana. Em nossos dias, a bandeira de Inglaterra, da Alemanha, da Belgica, ou da França tremula em Africa sobre as ruínas de de edificações religiosas, não solo que seria portuguez, si não tivesse sido largamente abandonado e vetado ao esquecimento aquelles terras onde, pelos missionarios, dominava Portugal.

A historia é, porém, injusticeira. As imperfeições que mostram as faltas que commetteram, por vezes, a Companhia, desaparecerem diante da grandeza dos seus serviços. Hoje, ninguém com mediana instrução historica e bibliographica fala mais na *Monita scripta*, obra da catuaria e perversa falsificação conhecida e desavendada.

Exactamente este anno, em que nós brasileiros e nós paulistas nos preparamos para honrar, na pessoa de Joseph de Anchieta, um heroe jesuita, e eleva-lhe uma estatua, foi solemnemente inaugurada no Capitolio de Washington a estátua de outro dos grandes homens daquelle paiz, o estadista de outro dos santos, padre Marquette, o apostolo dos Hurons, o descobridor do Mississippi, justo glorificação, que, neste continente, cujas libras livres são tão proclamadas, os jesuítas merecem, depois de todos os decretos e de todas as perseguições do século XVIII! Merecida e estranha reparação!

E, minhas senhoras e meus senhores, nós, brasileiros, tempos, por este motivo da glorificação de Anchieta, uma rara occasião de estar todos unidos. Na pessoa de Anchieta glorificamos a nossa historia e os feitos dos nossos maiores; os irmãos podem dissimular entre si, mas todos têm o sentimento commum da veneração pelos paes.

Neste sentimento reynha entre os povos pelo amor à língua nacional, aos costumes, às tradições, por toda essa riqueza que é patrimonio de uma nação. Para nós, paulistas, ha o dever de uma grande gratidão para com a memoria immortel de Anchieta e dos rudes maneiros as.

Nas vastas solidões do Brasil, nas baixadas dos campos descobertos, occulta entre o verde pontilhado de ouro das burageiras, á beira do pequeno canal, ha a casa isolada do caboclo, surgenda do rego d'agua, no silencio dormiente e abraçado do sol, que quebra a espessa e penumbra, sorde e o lento gemido do monjolo. Ah! vive elle na pobreza, tira-lhe alimento de uma terra que nem

sempre é da fertilidade que os nossos economistas, poetas e oradores apregoam. Vive alli simples, rido e energico, na sua calma e descendente do mameuco do Indio, que hoje tem tanto, tem familia e tem Deus, porque os jesuítas civilisaram os seus avos. (Applausos)

E elle o verdadeiro brasileiro, que se não queixa, ignora e não encontrou tanto os bens como os maus governos e que, quando o levaram ao Paraguay, soube alli morrer pela liberdade do povo que os seus maiores outrora queriam escravizar. (Applausos)

Vemos, minhas senhoras e meus senhores, que a historia é feita de reparações salutareis e de tardias justicias.

E si dessas e differencias do Trientenário de Anchieta devonios tirar algum proveito, seja elle o de conservar o costume de recordar e honrar, mais do que o fazemos nós, paulistas de hoje, os primitivos migradores desta cidade. Evocuetos mais vezes as suas fôrmas bronzadas e as suas pittorescas figuras, passando pelas ruas mal traçadas daquelle tempo, escuramucando e correndo os seus ginetes, vestidos como nos diz uma relação antiga, de burel e polletos pretos e azues, de petrinhas compridas e indo aos doçiques á missa com paupões ou bandedes de cacheira, sem capote, etc.

Tão lentissa aquelles de ha trezentos annos, o século que se aproxima vem achar ainda catholicos os paulistas de hoje. Tudo mudou, a religião persistiu.

Quando já edificadas as pequenas casas de S. Paulo primitivo, quando já na vinda das quebraças do grupo de colinas em que estamos, avultavam as egrejas: erão o Collegio do Carmo, S. Bento e S. Francisco.

Naquelle tempo, o Tieté e o Tamandachy, estreitando suas cheias, formavam, durante muitos mezes de anno, um espiado lago, reprodução do grande lago pachebúrico que outrora cobria as nossas varzeas, e cujos vestigios geologicos hoje descobrimos e de que eram aquelles rios affluentes sangendouros. As praias da manha alargavam a extensão das aguas e atufavam em navens as elevações do povoado de Piratininga. Só com tísivas para quem de longe, das paragens predestinadas da Ypiranga, contemplasse aquelle espectáculo, as egrejas e só as cruzes emergiam das navens elevadas como os masts grandes de navios. Naquelle illusão do mar emmeuado, os corpos das egrejas, justamente chamados navens, representavam uma esquadra ancorada nas alturas, esquadra do Ideal, esquadra vigilante, fungendo nas navens as campainhas, nos perigos e escuridão do mar, e lembrando aos homens que a terra é uma estação, onde não devemos ter demora e donde devemos todos partir, aligeirados de remorsos, em viagem para o infinito (Applausos PROLONGADOS)

O sr. Dr. João Mexicano: Honra! Honra ao Sr. que assim fala da sua mãe! Honra ao paulista que assim fala da sua terra!

Está levantada a sessão.
Applausos e repetidos saluos de palmas. O orador é vivamente felicitado pelos srs. presidente do Estado, bispo Diocesano, leões da Facultade e grande numero de pessoas.

Carta Pastoral

Do EXM. E RVM. SR. D. CARLOS LUIZ D'AMOUR, Arcebispo-Bispo da Diocese de Cuiabá, condemnando e opuzendo *«A Renecção»*, livro de mentiras e calumnias contra a Igreja Catholica e seus Ministros, publicado pela Liga Matto-Grossense de Livres Pensadores.

Dom Carlos Luiz d'Amour, por Ordem de Deus, e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo-Bispo da Diocese de Cuiabá &c.

Ao Reverendo Clero e aos Fieis de Nossa Diocese Saudação e Benção em Jesus Christo Nosso Deus e Senhor.

IRMÃOS E FILHOS MUITO AMADOS.

Alguns de nossos Diocesanos, esquecidos de tudo quanto devem á nossa carinhosa Mãe a Santa Igreja Catholica Apostolica, Romana e instigados pelo *Espirito das Trevas* reuniram-se nesta Capital e fundaram uma sociedade denominada Liga Matto-Grossense de Livres Pensadores, — cujo fim é hostilizar a Santa Igreja e seus Ministros. Para isto deram publicidade á um folheto *«A Renecção»*, no qual além das calumnias assaeadas contra o Clero, negam o effeito sapientificante do Baptismo, da Confissão, da Missa, da Sagrada Eucharistia e de todos os Sacramentos!!

E porque um dos principaes deveres do nosso ministerio pastoral é defender e conservar intacto o sagrado depósito da Fé, não podemos deixar de erguer bem alto a nossa voz para condemnar, como condemnamos pelas presentes Lettras, o citado folheto *«A Renecção»* tudo quanto nelle se contém contra a Santa Igreja Catholica, seus Ministros e suas obras.

Na falta de outros meios, para pôr cobro a tanto mal, appellamos para a consciencia dos catholicos sobre a qual exercemos indiscentivel auctoridade. Aos catholicos, pois, dizemos,

que não devem receber, nem ler o supradito folheto *«A Renecção»*; que não lhes é licito de modo algum ajudara imprensa anti-catholica, immoral e subversiva; porque, de contrario, tornam-se cúmplices dos seus desvarios e crimes. Sim, não deveis, Filhos dilectissimos, de modo algum cooperar, com vosso dinheiro, para sustentar essa maldita propaganda, instigada pelo Demonio.

O paiz de familia que não cerra as portas de seu lar aos máos diarios; o amigo que os facilita ao amigo afim de se inteirar do que se diz e se escreve; o proprietario ou superior de qualquer estabelecimento publico, que os põe á disposição dos que os frequentam em circunstâncias analogas contrahem responsabilidades mais ou menos graves, conforme os casos; e são responsaveis a Deus e aos homens como collaboradores na obra de demolição e de ruinas.

Ficai portanto de sobreaviso, Filhos muito amados, e evita os embustes e calumnias que as setas heterodoxas, forjadas por Sataniz, inventam e publicam em seus escriptos contra a Santa Igreja Catholica, a unica e verdadeira Igreja, e fora da qual não ha salvação.

E para que a leitura e conhecimento de todos, seja esta nossa Carta Pastoral publicada á estação da Missa nas Igrejas Matrizas e Capellas das Communidades Religiosas.

Dada nesta Cidade do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas, aos 15 de Julho de 1909.

✠ Carlos, Arcebispo-Bispo de Cuiabá

Logar ✠ do Sello.



Destruição do gorgulho dos celeiros

Bem se podem considerar como processos naturais o «clima e as operações do campo», que procedem a armazenagem das sementes.

A intemperie e os grandes frios são algumas vezes preciosos auxiliares do agricultor para a destruição das larvas e crisalidas, e ainda dos adultos, porém facilmente se compreenderá que isto não succede todos os dias e que não devemos confiar nella exclusivamente.

É muito necessario segar logo que o grão esteja maduro e depois da debulha joeirar-o bem. Durante esta operação, alguns dos grãos maduros inpestados podem ser joeirados com a palha miuda e o pó, e os insectos mortos pela agitação que o grão recebe. As mariposas e alguns gorgulhos são destruidos no acto de ajoeirar alguns dos ovos, larvas e crisalidas sobrevivem a este tratamento, e requerem-se novas medidas para a sua destruição.

Entre os processos artificiaes temos, em primeiro lugar, o uso de substancias de mau cheiro que foram aconselhadas muitas vezes para afastar os insectos dos celeiros, pois são extremamente sensiveis ao olfacto.

É duvidoso o valor effectivo d'es-

sas substancias e para mais muito custoso o tratamento, porque se necessita de vasilhas especiaes: o insecticida tem que applicar-se em grande quantidade.

O sal, o enxofre em pó, a naphalina, a camphora, o *pyrethrum* (pó de chrysanthemo) e a cal-areada e estincta, são as substancias que mais se recommendam, porém sómente para uma pequena quantidade de grão, porque o seu preço é demasiado alto. Effectivamente, é certo que a naphalina, por exemplo, destroe ou melhor afugenta o gorgulho pois experiencias feitas têm dado optimo resultado.

O emprego de substancias mal cheirosas, tem o grande inconveniente de communicar esse cheiro aos grãos, o que occasiona que o seu preço seja mais baixo e que ainda algumas vezes sejam rejeitados para o consumo.

Têm sido recommendadas e experimentadas outras substancias, como o enxofre, o chlorureto, o tabaco e a benzina, porém têm o mesmo inconveniente que as anteriores e os seus vapores são insufficientes para a destruição dos adultos das nossas especies mais prejudiciaes.

Antes de se empregar o bi-sulphureto de carbono, o calor era o a-

gente mais efficaz para a destruição dos insectos dos grãos, porém este processo exige muitas precauções, porque sendo demasiada a temperatura, destrõe-se por completo o poder germinativo da semente. De fórma que só pôde recomendar-se no caso em que o producto tenha que ser entregue ao consumo e « não á sementeira ».

Necessita-se, além d'isso, para pôr em pratica este methodo, a construcção de fornos especiaes em que se possa elevar a temperatura do ar até 50 a 60 graus centigrados.

Suppondo que com este processo se consiga destruir em grande parte a praga, não se lograria evitar o perigo de que a semente transportada novamente ao celeiro, depois do tratamento, fosse atacada pelos gorgulhos, que quasi sempre se encontram occultos nos buracos, fenda, pavimento e tecto do mesmo.

O estudo dos cupins brasileiros

Um joven entomologista italiano, o dr. F. Silvestri, da « R. Scuola Superiore di Agricoltura » de Portici, que já tem publicado interessantes e numerosos trabalhos entomologicos, entre os quaes a bella monographia editada pelo Wylsman de Bruxellas no seu magistral « Genera Insectorum », agora está estudando os *termitidae*, ou cupins do Brasil.

Elle escreverá sobre o assumpto uma monographia que será dedicada não só aos cupins, mas tambem a todos aquelles insectos que vivem, seja por parasitismo, seja por outras razões nos ninhos dos *termitidae*. Neste sentido o dr. Silvestri, por nosso intermedio, pede aos professores, estudantes, fazendeiros e dilectantes de entomologista, residentes no Brasil,

queiram apanhar *termitidae* por conta delle.

Os caçadores de cupins deverão cuidar de apanhar sempre muitos exemplares, porque para o estudo consciencioso de cada uma das especies precisa-se de femeas aladas, operarios, soldados, machos e femens apteras. Deverão ser tambem apanhados os pequenos insectos que vivem juntos com os cupins e que são com elles muito parecidos, os quaes se encontram especialmente nos ninhos suspensos ás arvores. Todos os exemplares encontrados no mesmo ninho deverão ser collocados no mesmo tubo de vidro com alcool.

Duas especies de cupins que se encontram tambem nas mattas, fazem ninhos subterraneos, onde accumulam folhas e fazem desenvolver fungos ou cogumellos do mesmo modo que as formigas sativas do genero « *Atta* », ou cortadoras de folhas.

Destas especies o dr. Silvestri deseja muitos exemplares. Estes ninhos têm uma parte central que contem quasi todos os inquilinos e que se acha de 1 a 3 metros de profundidade, conforme a natureza do terreno. A parte central de um de taes ninhos, a qual deve ser, pois, formada de palhas, folhas pedacinhos de troncos etc., amalgamados juntos e mufados, se contiver tambem a rainha do ninho e seus inquilinos, será paga a 20 francos, isto é, a rs. 12\$500 como indemnização aos senhores caçadores.

Fazer as remessas em alcool directamente ao dr. F. Silvestri, R. Scuola Superiore di Agricoltura, de Portici (Italia).

A relação scientifica de todos os achados será feita no *Entomologista Brasileiro*.

Direcção: Avenida Angelica 406 (Estado de S. Paulo—S. Paulo)

(D' O *Entomologista Brasileiro*)

Roteiro da navegação

DO

Rio Paraguai desde a foz do São Lourenço até o Paraná.

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA
ARMADA NACIONAL E IMPERIAL
AUGUSTO LEVERGER
(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direção de
ESTEVÃO de MENDONÇA

(Continuação)

Seis milhas abaixo de Humaitá até a *Guarda de Curupaité* e mais abaixo 3 milhas a *Guarda* chamada das *Tres bocas*, pasto que o rio aqui se divide tão sómente em 2 braços que formão a ilha do *Atajo*. O braço da esquerda he por onde se costuma navegar; em distancia de 41/2 milhas está sobre a mencionada ilha da *Guarda do Serrito*, e logo abaixo acaba o Paraguai o seu curso entrando no magestoso rio Paraná que neste lugar corre de N. 70 E. para S. 70 O. pelo lado de NE: não alcança a vista o fim desse estirão. De Leste a Sul avista-se a margem esquerda do dito rio cuja largura he de 1 a 2 milhas. Nos quadrantes de SO. e NO. fechão o horizonte a mesma margem e 2 pequenas ilhas proximas a do *Atajo* e entre as quaes ha boa passagem.

Medi trigonometricamente a largura do Paraguai, que achei ser de 163 braças.

As sondas atravessando o rio forão 40, 70, 80, 70, 60, 50 e 25 palmos.

A margem esquerda he baixa e alagadiça. Achei 25 palmos de elevação do sercitió acima do nivel da agua. Este espaço de terreno (relativamente) alto termina-se pelo lado do rio por tres pequenas pontas de humo duro, e tem quando muito 400 braças de comprimento e 70 de largura. O terreno contiguo para baixo e para cima he todo alagadiço. Parece-me este lugar muito acanhado para hum estabelecimento militar, ainda de pequena importancia.

Não contornei a ilha do *Atajo*; figurei

o canal da direita seguindo as informações que me dêrão. Ve-se no dito canal hum braço sinuoso estreito e profundo, que abrevia a navegação; e por isso chama-se *Atajo* (atalho) d'onde a ilha tira o seu nome.

Da Assumpção para baixo a largura do rio he de 200 ou 300 braças entretanto ha varias paragens onde he muito maior: logo abaixo daquelle cidade, he de proximoamente 1 milha, defronte da *Villeta*, abaixo do *Passapé*, na *Riconada*, de *Naranjai*, e outros lugares, he tãobem muito consideravel, porem como em taes logares ha baixios que occupão grande parte da mesma largura segue-se que em geral he pouco espaço para que possa bordejar hum navio de alguma parte.

A respeito da profundura pouco tenho observado por mim mesmo, pois não permittião as circunstâncias que o fizesse convenientemente. Porem estava na minha companhia o pratico que em Abril de 1846 subira e decêra com o vapor francez *Fulton* que demandava de 13 a 14 pés de agua, isto he, muy proximoamente 20 palmos. Disse-me esse homem, em cuja veracidade e experiencia tenho plena confiança, que com quanto, na mencionada epoca, ja estivesse o rio muy tanto crescido, o *Fulton* não ponde passar do *Lambaré* para cima, e que d'ahi para baixo era preçiso em varias partes explorar com grande cuidado o canal, as vezes estreitissimo, por onde pudesse navegar o vapor. Que seria se fosse movido por outro agente que não permittisse regular a contante a velocidade e direcção da marcha? Penso, pois que todo o navio que demandar mais de 12 ou 15 palmos de agua não navegará sem grande difficuldade, a não estarem as aguas perto do maximum de sua elevação. As epocas da enchente e da vazante são em geral as mesmas que notei no Paraguai superior. Comumente elevão-se as aguas de 10 a 15 palmos acima do nivel da secca; porem enchentes tem havido em que pelo menos em alguns lugares, essa differença de nivel tem chegado ao duplo, e e tem por ventura excedido. A corrente he em geral pouco rapida; tem notavel influencia nella o estado baixo ou crescido das aguas do Paraná.

(Continua)



SEÇÃO AMENA

Padre e Marquez CONTINUAÇÃO

Sem um colar de exclamação de repente e precipitou-se para sua secretaria, levou aos lábios uma miniatura de mulher—era a de sua mãe—enquanto com a mão direita puxou pelo revólver contra si mesmo.

—Sr. Guido, Sr. Guido, para, em nome de Deus.

João, pallido de espanto, dirigiu-se ao marquez.

Este deu um grito abafado, a mão esquerda largou o retrato enquanto a direita segurava sempre a arma fatal.

—Tu aqui, João, . . . ? D'onde saístes, desgraçado?

—E! Deus que me envia para impedir que commettaes um horroroso delicto. Em nome do que tendes mais caro vos supplico, Sr. Guido, não executeis tão horrendo attentado.

O Marquez voltou em si e uma colera surda começou a perturbar-lhe o intuito.

Vae-te embora, João, vae, nada tens que fazer aqui.

—Não respondas entre mim e minha resolução porque seria capaz de matar-te, Guido pareceu agitar o revólver para elle. Porém João não conhecia o medo quando era de necessidade salvar uma alma.

—Mata-me se quizerdes, mas vos declaro que enquanto eu viver não tocareis aos vossos dias. E' a proximou-se com esperanças de desarmar a Guido; porém logo e nublou a felicidade dos seus es-

forços, visto que desarmando-o, o perigo seria afastado por um certo tempo.

Não era sua alma que precisava curar e converter?

Guido estava de pé, um olhar feroz scintillava no seu semblante, e o dever de reconduzir a luz naquelle espirito altivo teria parecido impossível á uma alma menos zelante do que a de João.

—Oh! disse Guido com um tom vibrante, terrível ao ouvir, porque vieste? Eu que te amava estou quasi para amaldiçoar-te.

—Sem ti tudo estava acabado, acabadas aquellas angustias, acabadas aquellas cruéis decepções; alternativamente a pobreza, e a vergonha vinham visitarme.

—Acabado, Sr. Guido? Disse o abba-de com um acento profundo que penetrou no coração do moço, atreveis a dizer acabado? Mas, ah! que fareis para começar? e vossa alma?

—Minha alma—um sorriso escarnejador passou-lhe nos lábios, minha alma?

Não me importa, creio pouco n'ella.

—Isto não toca nada, disse João gravemente, ou credes ou não, ella existe e não vos é permitido votal-a para eterna desgraça, quando foi creada para a felicidade.

—Oh! Sr. Guido, continuou João com um tom supplicante, enquanto grossas lagrimas inundavam seu pallido rosto, vos supplico, salvae vossa alma.

—E' mereço vossa, que sou padre. Vós que me tendes dado tanto, não me recuseis o que vos peço hoje, doe-me vossa alma, vol-a peço de joelhos.

E o sacerdote ajoelhou-se aos pés do marquez. Este arredou a cabeça para não ouvir as palavras que João de Jochos ia dizendo.

Tudo o que pude achar para commovel-o, disse; tudo que podia achar para despertar na sua alma a fé adormecida, suggeriu-lhe. Guido pareceu acabado, alguma visão de menos obscuro passou-lhe no olhar, João acreditou-o vencido.

Mas de repente uma visão mostrou ao moço a nova vida—vida de pobreza, vida de humilhação, a que teria de sujeitar-se o que superava as suas forças.

—Cala-te João, disse com uma voz terrível, cala-te, não posso mais ouvir-te!

—Me falas de paz, de descanso, de felicidade; o descanso acho-o só na morte.

Queres frustrar-me tudo isso? Não! não. Num pulo afastou-se de João e de Jochos procurou apontar o revólver.

Então João, João, o humilde, o tímido, feio mais para obedecer que mandar, teve um movimento sublime; um relampago brilhou nos seus olhos, e levantou-se diante do Marquez.

—Guido, disse em tom de mandamento absoluto, escondendo palavras, Guido, me entendeis? Vos prohibo de vos matar. Dae-me aquella arma, sou eu que vos ordeno.

Não era mais João quem falava, mas a suprema autoridade do sacerdote que passava por essa bocca.

O Marquez encostou-se á parede para não cambalear.

—Tu me prohibes? me ordenas?

Os olhares se encontraram. O que se passou entre aquellas duas almas? E' o segredo de Deus. Porém devagar Guido entregou a arma ao sacerdote. . . . Um immenso suspiro ergueu seu peito e João abraçou o soberbo Marquez. A graça tinha vencido!

João achou então palavras de consolação e tranquillidade. Tomando do seio um

pequeno crucifixo de madeira, disse ao amigo, com tom de doce autoridade:

—Agora desejo duas promessas: jurae, por esta cruz, que haveis de renunciar, para sempre, ao jogo do baralho, e de não attentardes contra a vossa vida.

—E' que, vacillon Guido, não posso jurar pela cruz, visto que não tenho fé.

—Então, trundes ainda vossa honra. Não creio que, no passado glorioso dos vossos avós, nenhum haja atraído a sua palavra.

Uma emoção inexprimível traduziu o seu rosto de marquez. Lucta terrível pareceu travar no seu interior. Desta vez, porém, o máo espirito não foi mais forte.

Guido de Frenonville levantou-se e, estendendo a mão á imagem do divino Crucificado, disse lentamente estas palavras:

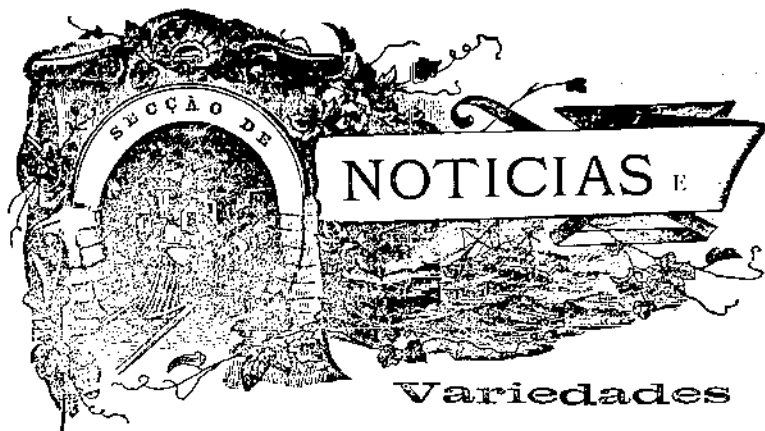
—Pela minha honra e por Christo, juro de não attentar mais contra minha vida, nem entregar-me a qualquer especie de jogo.

—Sei quanto valem essas palavras cavalheirescas, disse o sacerdote; vos predigo que, dentro dum mez, tereis recobrado a fé.

E quando João apresentou a pequena cruz para beijar, o marquez não voltou a cabeça. . . Durante uma semana, não se falava nos salões senão da ruína do Marquez de Frenonville, cuja conduta foi avaliada com mais malignidade do que benevolencia. Os rumores e as calumnias pairavam sobre elle. Porém, Guido desafiou a tempestade. Quando o viram satisfazer a seus debitos, até os piores tiveram de calar-se. Seus amigos aconselharam-no de fugir-se em alguma provincia; porém Guido, levantada a cabeça, respondeu-lhes: Para que fugir como um culpado? Que damno fiz a outrem? Não fiz mal senão a mim mesmo; e disto não tenho que dar conta a ninguém.

(Continua.)





Commemoração Cívica

Com a maxima sumptuosidade, teve lugar, á noite de 13 de Julho ultimo, no predio do Thesouro Estadual, a Commemoração Cívica, em homenagem ao Exmo. Sur. Conselheiro Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, saudoso Presidente da Republica.

Lemos na Gazeta Official:

«A decoração do recinto era singela, porém de notavel destaque.

Ao fundo, em frente á grande porta de ingresso, via-se o retrato do eminente extinto, primoroso trabalho a *crayon* do Exmo Cap. Dr. Vital Filho, encimando-o um escudo com as armas da Republica, ladeado por duas bandeiras nacionais, tudo envolto em crepe.

Logo abaixo, uma corôa riquissima emoldurava a seguinte inscripção:

A' MEMORIA

DO

DR. AFFONSO PENNA

HOMENAGEM DO ESTADO DE MATTO-GROSSO

Circundavam esta singela dedicatória, 16 bicos de acetylene, tendo no centro um foco maior, symbolisando, respectivamente, os 16 municipios do Estado e o desta Capital.

Das janellas e portas lateraes pendiam cortinas pretas; no tecto e na parede do fundo sanefas de crepe se cruzavam em varios sentidos.

Nos intersticios daquellas, grandes ramos e grinaldas de bisenit, envoltas em

crepe, completavam o adorno do recinto, que recebia a luz de tres fortes lustres de crystal, com cerca de 25 bicos de gaz.

Honraram o acto com a sua presença as individualidades mais gradas da elite social, notadamente o Exmo. Sur. C.^o Pedro Celestino Corrêa da Costa, M. D. Presidente do Estado, Exmos. Surs. Drs. João de Moraes e Mattos, José Carlos Vital Filho, Desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes e Ten.^{te} C.^o Avelino de Siqueira, D. D. Membros da Commissão incumbida dos actos, o distincto Corpo Consular representado pelos Surs. Henrique Hesselein, José Orlando e Manoel Rodrigues Palma, os illustres membros do Tribunal da Relação, Assembléa Legislativa e Classe de Fazenda, os Revs. P. P. Manoel Gomes d' Oliveira, Director do Lyceu de Artes e Officios "S. Gonçalo" e Luiz Montuschi, representante da Revista "Matto-Grosso", Representantes dos demais orgãos da imprensa local, diversos funcionarios publicos, distinctos commerciantes, officialidades do Exército Nacional e do Batalhão de Policia Militar e exmas. Senhoras.

As 7 horas, S. Excia. o Sur. Presidente do Estado abriu a sessão, dirigindo ao vasto e escolhido auditorio a sua criteriosa e autorisada palavra.

O orador official foi o Exmo. Sur. Desembargador Ferreira Mendes. A sua longa allocução, vibrante, attrahente, sympathica, esteve á altura exigida pela magnitude do acto, sendo uma expressão viva dos nobres sentimentos que turbillonavam n'alma dum povo entusiasmado, congregado para o fim altamente pa-

trístico de commemorar os meritos do immortal Cidadão brasileiro ceifado pela morte quando guindava as culminancias do poder federativo.

Tomaram a palavra, em seguida, os Exmos. Srs. Desembargadores Trigo de Lourdeiro, pela Assembléa Legislativa, Pereira Leite, pelo Tribunal da Relação, Dr. Annibal de Toledo, pela imprensa, e Almerindo Martins de Castro, pela Delegacia Fiscal do Thesouro Federal neste Estado.

A sessão fechou-se ás 9 horas, ao som do hymno nacional pela banda do Lyceu Salesiano, que, executou a intervallos inspiradas produções musicas.

Aos singulos assistentes foi distribuida uma expressiva lembrança commemorativa da solemnidade hodierna.

O Lyceu Salesiano, incumbido da decoração do edificio, accedendo ao gentil convite da illustre Commissão encarregada pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado para realização da Commemoração Cívica, recebeu a generosa offerta dos objectos que serviram para a mencionada decoração, conforme os termos do seguinte officio:

«Ex.^{ma} e Rex.^{ma} Sr. Padre Manoel Gomes de Oliveira M. D. Director do Lyceu S. Gonçalo.

A Commissão encarregada pelo Ex.^{mo} Sr. C.^o Presidente do Estado de levar a effecto a sessão cívica em homenagem a veneranda memoria do Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, saudoso Presidente da Republica, no 30.^o dia do seu passamento, cumpre o dever de agradecer a essa illustre directoria, o valioso concurso por ella prestado com a maior boa vontade, de maneira desinteressada e sobremodo efficaç, afim de que aquella incumbencia tivesse satisfactorio desempenho.

Outrosim, pede permissão para em nome do S. Ex.^a o Sr. Presidente do Estado, offerter ao estabelecimento que tão dignamente dirigis, os artigos que a este acompanharam e que serviram para ornamentação do edificio em que se realizou aquella solemnidade.

A commissão prevalecendo-se da oportunidade vos apresenta os seus protestos de elevada consideração e distincta estima.

Cordias saudações.

*João de Moraes e Mattos
Joaquim Pereira Ferraz Mendes
Arelino de Siqueira
José Carlos Vidal Filho*

Cabe á nossa humilde Revista agradecer penhoradamente á essa distincta Commissão o attencioso convite que lhe enviou, dando, ao mesmo tempo, as mais extensivas congratulações pelo desempenho cabal com que se houve na trabalhosa e importante incumbencia.

Solennes Funeraes

A Missão Salesiana em Matto-Grosso, profundamente condoída pelo prematuro passamento do benemerito Presidente da Republica Cons. Dr. Affonso Penna, não deixou de significar, bem ao vivo, o acatamento que vota ao seu inolvidavel Bemfeitor.

Nesta Capital, testemunha toda a distincta população, a 15 de Julho p. p., realizaram-se, no Lyceu de Artes e Officios "S. Gonçalo" pomposas honras fúnebres em suffragio á alma do saudoso extincto, segundo as noticias que, publicadas pelos conceituados órgãos da imprensa culabana, passamos, com a devida venia, para as nossas columnas.

No mesmo dia, na Escola "Gratidão Nacional" em Palmeiras, houve, com toda a pompa exigida naquella localidade, concorrido funeral, sendo officiante o Revmo. P. Antonio Ragogna, Director do Estabelecimento, que, no Evangelho, produziu uma brilhante oração fúnebre, enaltecendo as virtudes do pranteado Presidente e salientando os serviços pelo mesmo prestados á nossa Patria.

A capella estava litteralmente cheia de crentes que haviam sido convidados para essa solemnidade, notando-se, em destaque, o Sr. 1.^o Tenente José Augusto Caldas, que representou condignamente o glorioso Exército Nacional.

E no dia 15 do mesmo mez, acompanhando as manifestações dos centros civildes da União, effectuaram-se tambem nas Colonias indigenas do Sangradouro, Barreiro e Garças -- Araguaya as devidas homenagens fúnebres conforme os telegrammas dirigidos ao Rev. Director do Lyceu "S. Gonçalo" que abaixo transcrevemos.

«A Missão Salesiana neste Estado mandou celebrar hoje, ás 8 horas da manhã, solennes exequias pelo suffragio da alma do extincto Presidente da Republica, Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Affonso Augusto Moreira Penna.

A cerimonia teve lugar na Capella do

Lyceu S. Gonçalo, revestida de pesado luto e ostentando no centro imponente catafalco, em cuja face anterior se via a bandeira nacional, coberta de crepe.

Terminado o officio religioso, o Rev.^{mo} Padre Luiz Montuschi pronunciou bellissima e commovente oração fúnebre, salientando as virtudes cívicas e privadas do preclaro morto.

Entre a enorme concacrença, notavam-se diversas famílias, o Ex.^{mo} Sr. Coronel Presidente do Estado, acompanhado do seu official de gabinete e ajudante de ordens, autoridades civis e militares e grande numero de pessoas gradas.

(Da *Gazeta Official* de 13 de Julho de 1909.)

«Suffragando a alma do inolvidavel presidente da Republica, dr. Affonso Augusto Moreira Perra, tiveram lugar no dia 13 do corrente, conforme já noticiamos, solennes exequias mandadas celebrar pela missão salesiana, de quem o illustre morto foi incansavel amigo e benfeitor.

A's 8 horas da manhã daquelle dia, na capella do *Lyceu S. Gonçalo*, e com a presença do sr. coronel presidente do Estado, dos representantes dos poderes legislativo e judiciario, do sr. commandante da companhia isolada, dos chefes das repartições publicas, federaes, estaduais e municipaes e de grande numero de senhoras e cavalheiros, se iniciaram as ceremonias, sendo celebrante o rev.^{mo} padre Sidrac Vallarino acolytado pelos rev.^{mos} padres João Gasparoli, como diacôno, e Luiz Zeferino de Paula, como sub diacôno.

No centro da capella se achava erecto o cadafalco, ladeado de telheiros e de sarrilho de armas, onde tambem se via a bandeira nacional que, como estes e os candelabros se achavam cobertos de crepe.

Aguarda de honra foi dada pelos srs. Euclides de Barros, Amarante, Leonidas Mendes e Agnello de Albuquerque, da companhia de instrução militar daquelle lyceu.

Ao terminar a missa produziu uma magistral allocução o reverentissimo padre Luiz Montuschi, o qual por quasi uma hora elevou o auditorio com suas palavras sentidas e entusiastas.

Logo depois tiveram lugar as absolvições do ritual, terminando o acto religioso as dez e um quarto da manhã.

Ao principiar e ao terminar a cerimonia, fez-se ouvir a banda do *Lyceu Salesiano*, e durante as exequias a *schola cantorum* do

mesmo estabelecimento acompanhou a missa com os cantos da liturgia.

Esta folha alli se achou representada pelo sr. dr. Carlos Jorge Sallaberry.»

(*D' A Voz do Para*).

General Carneiro, 15-7-999. — P. Oliveira—Cuyabá.— Celebramos hoje solemne funeral ex Presidente Republica catafalco ornamentando pavilhão nacional que por 30 dias a meia noite nos indicava o universal luto profundamente impressionados nossos caros bororinhos, indios representantes colonia Garças e todos desta colonia central como tributo de gratidão benemerito bemfeitor. Saudades. — *Colba-chini*.

Presidente Murinho 15-7-999. Padre Oliveira—Cuyabá.— Tambem na humilde capella desta colonia de S. José celebramos missa fúnebre para suffragar a alma do saudoso e benemerito Dr. Affonso Penna Presidente da Republica. Assistiram os indios e moradores. Saudações. — *Padre Balzola*.

Victoria da causa salesiana Uma retractação

Na secção competente transcrevemos a conhecida retractação das calumnias assacadas á honra de conspícuos socios da Pia Congregação Salesiana.

Eduardo Prado e Eloy Barbosa

Com o titulo "O Catholicismo, a Companhia de Jesus e a Colonisação do Novo Mundo" archivamos nas modestas columnas de nossa "Matto Grosso" uma bellissima conferencia, na ta época em que levantara-se a idéa da erecção dum monumento em S. Paulo, a seu illustre fundador o Ven. P. Joseph Anchieta. E' uma divida de gratidão que se vai saldar.

«Felizmente já se encontram em nossa Patria, testemunhos de gratidão aos que se foram, revelando ao estrangeiro que nos visita, que somos um povo que venera as suas tradições e tem amor ao passado.

E é por esse motivo que encontramos a mais franca accettazione da idéa que será realisada. A mocidade academica, tão nobre em seus impulsos e generosa em suas intenciones comprehendeu que lhe competia nesse nasumpto assumir o papel que lhe é proprio, de pioneira das grandes idéas, agindo com

entusiasmo para complemento da justa consagração ao fundador da cidade que é hoje o orgulho de um povo».

Dessa notabilíssima peça oratoria realizada pelo sr. Eduardo Prado, o sr. cons. Ruy Barbosa, escrevendo a um seu amigo de S. Paulo, pediu-lhe que, em seu nome, felicitasse o dr. Eduardo Prado pela sua conferencia.

«Diga-lhe, escreveu o eminente brasileiro, — que, ao acabar de ler sua conferencia, quiz logo escrever-lhe desafogando o meu entusiasmo. Adiei, porem, por meu mal, e depois tive vergonha de ser atrasado. Não sei como exprimir a minha admiração. Não conheço, na oratoria brasileira, cousa superior nem na nossa prosa, joia de mais fino quilate.

«Quantos homens em nosso paiz possuirão assim a arte de pensar e de dizer?

«Que magestade, que profundeza, que amplidão, que vigor! A historia e a eloquencia não de, por muito tempo, disputar as honras desse trabalho.

«Aquella oração me entrou na alma. Ha nesse discurso alguma cousa do *sensus tantum advenientis spiritus*».

A "Matto-Grosso" consorciando-se a tão nobres ideias presta ao benemerito fundador da culta e progressista cidade de São Paulo, suas justas homenagens.

A nova Turquia

É necessario dar tempo ao tempo para que reine verdadeiramente a ordem na Turquia, e para que o novo estado de coisas ali inaugurado com a revalução promovida pelos *jovens Turcos* funcione como deve e obtenha que o Imperio Otomano se possa enumerar entre os governos civis, a lei seja substituída ao arbitrio, as finanças instauradas, e que o regimen novo faça ali triumphar verdadeiras a tolerancia religiosa e a justiça.

Uma das obrigações principais e mais difficéis dos homens politicos, que des-thronisaram Habdul-Hamid e fizeram coroar como Sultão e Califa o mais velho de seus irmãos, d'esses politicos que estão agora á testa dos negocios publicos e empunham as redeas do Governo, além de reorganisar o exercito de modo a reinar nelle a mais severa disciplina e o sentimento do dever, impôr esses pronunciamentos, de que outrora foi tristemente famosa a Turquia, dever ser a de diffundir uma benelica e moderna instrucção

no meio das massas populares. Até o dia de hontem, n'aquelle vasto Imperio, embora os Turcos propriamente ditos não constituam a maioria da população, comtudo estes tyrannisaram sempre os Arabes, os Gregos, os Albanezes, os Bulgaros, os Serbios, os Moldo-Valakos e outros povos diferentes.

Haja vista, «o recente massacre de 30.000 pessoas, sómente na provincia de Adana na Asia menor,» executado pelas hordas de fanaticos assassinos oriundos do antigo regimen.

Que os jovens filhos do Imperio Otomano se apressem a pôr termo a tantas infâmias, incríveis e monstruosas, e que a anarchia não impere após a des-thronisação do tyranno, são os votos sinceros do mundo civil, para que os direitos da humanidade não sejam ali barbaramente violados; são os anhelos de todos os turcos verdadeiramente patriotas e progressistas.

Fazemos nossa a noticia do conceituado órgão *A Voz do Povo*, com relação a *Festa Otomana* realizada nesta Capital:

«Realisou-se, como noticiamos, no dia 24 do mez hoje findo, a festa com que a colonia syria residente nesta capital commemorou o primeiro anniversario da promulgação da constituição do seu paiz.

A festa teve logar no "Club Internacional", cujos salões se achavam caprichosamente prantados e feericamente illuminados.

A's 7 horas, começaram a chegar os convidados, notando-se, entre elles, o sr. coronel presidente do Estado, varias autoridades civis e militares, representantes do commercio, do corpo consular e da imprensa.

A's 8 horas, o sr. Calil Seba abriu a sessão dando a palavra ao talentoso amigo sr. dr. Carlos Salaberry, orador official, que produziu uma magnifica oração, em que estudou a vida da Turquia desde os seus dias negros do absolutismo até o momento em que o partido dos jovens turcos, a golpes de audacia e de patriotismo, obrigou o sultão a conceder a liberdade á nação turca, outorgando-lhe a constituição.

O dr. Salaberry foi muito justamente applaudido pelo numeroso e selecto auditorio.

Em seguida occupou a tribuna o sr. dr. Amancio Ramos, que terminou o seu dis-

curso saudando a Turquia, representada na sua laboriosa colônia desta capital.

Foi servida depois aos presentes abundante taça de champagne e finos doces.

Antes e depois da sessão, a banda musical do collegio salesiano se fez ouvir, executando lindas peças do seu repertorio.

Padre Dr. Francisco Themuz de Aquino Corrêa

« Com a maior satisfação registramos em nossas paginas a gratíssima noticia de haver-se ordenado em Roma, o Rmo. P. Francisco de Aquino Corrêa.

Filho das calidas colinas de Cuyabá, logo após um brilhante curso de madureza, no Lyceon Salesiano d'aquella capital, muito joven ainda, ouviu distincta a voz de Deus que o recrutava para o serviço do altar. Coração generoso, não titubeou um minuto sequer: cerebro inflamado pelo ideal divino, o olhar fite muito além das alcançadas aspirações que são o escolho da grande maioria da juventude da nossa epocha, sem pusillanidades vestiu a batina negra dos ministros do Altissimo, e com animo forte, ainda, demandou a Europa para em viagens e estudos retemperar-se, crescer.

Com que brillantismo courou a Academia Gregoriana de Sciencias Philosophicas e Theologicas, obtendo com distincção a laureia na cadeira de Philosophia, doutorando-se em Theologia e distinguindo-se sempre nos celebres concursos de Dogma e Hermeneutica, antestam-no os Boletins officiaes d'aquella corporação.

Não fossem as impertinencias climatéricas de Roma, a que não raro succumbem os estudantes americanos, o Revm. P. Aquino Corrêa demoraria ainda alli, francas e de par em par abertas as portas das elevadas condecorações scientificas e religiosas. Adoentado, porém, e desejoso de trabalhar no campo pratico de sua vocação religiosa; revestido do caracter sublimissimo e indelevel das sagradas ordens, regressa à patria que sempre tem sido a visão de seus sonhos e que justamente ora reclama a sua sentidissima ausencia quasi de seis annos.

Collaborador distinctissimo da secção poetica da SANTA CRUZ, a cujos leitores tem obsequiado com inspiradas produções literarias de incontestavel valor, o Rmo. P. Dr. Aquino Corrêa regressando à patria, devolve-nos um coração inflamado de ideias alevantadas e um espirito enriquecido

das conquistas mais firmes da sciencia contemporanea.

—Seja muito bem vindo!—

(Da Santa Cruz)

Primeiro congresso brasileiro de Geographia

REGULAMENTO DO CONGRESSO

Artigo 1.º — A inscripção no respectivo *Boletim* e o pagamento da quota regulamentar são condições essenciaes para que se tome parte nas sessões do Congresso, gosando quem o faça das regulas de membros do mesmo Congresso.

Excepção feita para as sessões de abertura e de encerramento, que serão publicas, o accesso para as salas das sessões só será permitido ás pessoas munidas de um *Cartão de Congressista*.

Artigo 2.º — O cartão de Congressista é *nominativo e pessoal*. É fixada em 10\$000 a quota que dá direito a esse cartão.

Artigo 3.º — Ao Sr. Contra-Almirante Antonio Alves Camara, thesoureiro da Comissão Organizadora, deverá ser enviada pelos que se inscreverem a respectiva quota. A proporção que o pagamento for feito, será remettido o cartão a que se refere o artigo 2.º.

Artigo 4.º — O cartão dá direito aos congressistas a tomarem parte nas *sessões gerais* (sessões plenas) e nas *sessões de secções*, a que se refere o artigo seguinte.

Az primeiras, que serão em numero de dez (nellas comprehendidas as sessões de abertura e encerramento), terão logar na sede social da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro (Avenida Central, 153 — 2.º andar).

As outras sessões de secções realisar-se-hão nos edificios publicos que, de accordo com o Governo Federal, forem escolhidos pela Comissão Organizadora, attendendo aos assumptos referentes a cada secção.

Artigo 5.º — O Congresso se divide em doze secções:

I — Geographia mathematica e Cartographia;

II — Geographia physica;

III — Vulcanologia e Sismologia;

IV — Hydrographia (Potamographia e Limnologia);

V — Oceanographia;

VI — Meteorologia e Climatologia, Magnetismo terrestre;

VII — Geographia biologica (Geographia botanica e Zoogeographia);

VIII — Anthropologia e Ethnographia ;
IX — Geographia economica e social ;
X — Explorações geographicas ;
XI — Ensino da Geographia ; Regras e
Nomenclatura ;

XII — Geographia historica.

A Comissão de Organização se reserva expressamente a faculdade de dividir ou fusionar as secções.

Artigo 6.º — A toda communicação ou memoria destinada ao Congresso deverá acompanhar um resumo succinto, escripto bem legivelmente, de preferencia em machira, em um só lado do papel. A Secretaria Geral fará registrar em livro especial a data da recepção de cada trabalho.

Nenhum manuscrito será aceito além de 1.º de agosto de 1908.

Artigo 7.º — O quanto a lingua nacional seja exclusivamente usada para a discussão no Congresso, as communicações escriptas poderão tambem ser apresentadas em qualquer outro idioma.

Artigo 8.º — A duração das leituras em manuscrito fica limitada a um quarto de hora. Os trabalhos impressos, ao serem apresentados, não terão referencias que se prolonguem por mais de cinco minutos.

Os oradores fallarão uma unica vez sobre cada these, excepção dos relatores que tambem poderão fallar ao encerrar-se a discussão, limitada tambem a um quarto de hora a duração do respectivo discurso.

Artigo 9.º — A Comissão Organizadora fica constituindo o Centro Director do Congresso, e as suas attribuições se estenderão até conclusão final dos trabalhos do mencionado Congresso.

Artigo 10.º — O Presidente do Congresso, que será o Presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, ou na sua falta, um dos vice presidentes, eleitos pelo mesmo Congresso, preside as sessões gerais e a Assembléa dos Delegados.

Artigo 11.º — A Assembléa dos Delegados, a qual incumbir fixar o lugar e a data do segundo Congresso Geographico Brasileiro e nomear a Comissão Organizadora respectiva, comprehende :

a) Os delegados officiaes nomeados pelos ministerios ou governos dos Estados para represental-os no Congresso.

b) Os delegados das Sociedades de Geographia ou congêneres, nesta capital ou nos Estados ;

c) Os delegados das Faculdades, Gymnasios e estabelecimentos onde se professe a geographia ;

d) Os delegados das Comissões instituidas pelos governos federal e estaduais, inclusive as repartições de terras e outras, cujos serviços se liguem aos assumptos comprehendidos nas secções em que se divide o Congresso ;

e) Os membros da Comissão Directora e os presidentes das secções.

Artigo 12.º — Cada governo, administração, sociedade, comissão scientifica só dispõe de um voto na assembléa dos Delegados, qualquer que seja o numero dos seus representantes.

Artigo 13.º — Encerrado o Congresso, a Comissão Organizadora publicará os *Anaes* (relatorios, memorias, resoluções, etc.), em tantos volumes quantos forem necessarios.

Os membros do Congresso receberão gratuitamente as publicações feitas.

Artigo 14.º — Os livros e outras publicações, as cartas geographicas, as estampas e photographias, os manuscritos e, em geral, todos os objectos offerecidos ao Congresso tornar-se-hão propriedade da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, a menos que o doador não lhes tenha attribuido outro destino.

Artigo 15.º — A Comissão Organizadora, centro director do Congresso, decidirá definitivamente os casos não previstos pelo presente regulamento.

Rio de Janeiro, 28 de Novembro de 1908.

Presidente

General dr. Thaumaturgo de Azevedo

1.º Vice Presidente

Conselheiro dr. Francisco de Barros Barreto

2.º Vice Presidente

Barão de Alencar

3.º Vice Presidente

Dr. Carlos Talente de Noraes

Secretario Geral

Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro

1.º Secretario

José Arthur Buitenc

2.º Secretario

Dr. Joaquim de Oliveira Botelho

3.º Secretario

Major dr. José Maria Moreira Guimarães

Thesoureiro

Contral-Almoxarife Antonio Alves Camara

OBSERVAÇÕES FEITAS AS 0^h. M. DE GREENWICH NA ESTAÇÃO CENTRAL DE RIO DE JANEIRO E TRANSMITTIDAS DIARIAMENTE AO OBSERVATORIO

"D. Bosco"

Lat. = 22° 54' 32" S. Long. = 43° 10' 34" W Grw. Altitude = 64^m, 159

Hora local 9 h. 07^m a.

Junho 1903	BAROMETRO A 0 ^h	TERMOMETRO						VENTO		ESTADO ATMOSFERICO	METEÓROS	NUVENS QUANTIDADE	CHUVA
		SECO	T - F	UMIDADE RELATIVA	TENSÃO DO VAPOR	MAXIMA	MINIMA	OSCILLAÇÃO DA TEMPER.	DIRECÇÃO				
1	61.80	18.6	1.5	85	13.53	22.8	16.8	6.0	NE	2	b	ntb	6
2	59.90	19.6	1.8	83	14.98	25.7	16.7	9.0	NW	3	b	ntb	0
3	60.70	20.0	1.8	85	14.78	25.4	17.2	8.2	NW	3	b	—	0
4	60.30	20.8	1.8	83	15.24	27.9	17.5	10.4	NNW	3	b	ntb	0
5	60.70	20.7	2.4	78	14.30	27.5	18.6	8.9	NNW	3	b	—	0
6	59.00	22.9	6.0	56	10.69	26.2	19.5	7.7	WSW	3	b	sar.	0
7	63.80	20.7	1.2	89	16.11	27.8	17.5	10.3	S	2	i	chs	10
8	64.50	18.9	0.5	95	15.55	22.5	18.8	3.7	ESE	3	m	ch	10
9	64.30	20.8	2.6	76	13.97	20.2	17.6	2.6	ESE	2	b	—	2
10	62.30	19.4	1.0	90	15.15	24.4	18.0	6.4	WNW	2	b	nt	1
11	61.60	21.4	1.6	85	16.17	25.2	17.3	7.0	NW	3	b	ntb	0
12	59.70	21.0	2.6	82	15.12	27.0	18.3	8.7	N	2	b	ntb	0
13	59.80	21.0	2.1	80	15.91	27.4	17.5	9.9	NNW	3	b	—	9
14	64.50	18.9	0.9	92	14.87	27.2	18.6	9.2	SSW	5	i	chs	10
15	67.20	18.1	1.4	86	13.31	22.0	17.0	5.0	—	2	b	nev	10
16	68.30	17.7	1.7	83	12.50	20.2	16.3	3.9	—	0	b	—	9
17	58.20	17.8	3.4	49	7.46	21.5	15.5	6.0	NNW	1	b	ntb	1
18	66.30	16.9	1.2	87	12.53	15.2	11.0	4.2	W	1	b	nt	3
19	65.00	17.9	2.3	77	11.74	22.7	14.0	7.8	—	0	enc.	ntb	1
20	63.60	26.0	1.0	27	6.85	23.4	15.4	8.0	W	2	b	nev	10
21	64.60	18.1	1.0	90	15.90	23.2	14.7	8.5	NNW	2	enc.	nt	2
22	62.00	18.6	1.0	90	14.35	22.7	15.8	6.9	W	2	b	nt	10
23	59.40	19.9	2.1	80	13.86	22.9	16.9	6.0	W	6	m	ntb	5
24	64.10	16.8	1.0	89	12.73	24.7	17.0	7.7	SSW	2	m	ch	10
25	64.30	16.0	0.3	97	13.68	20.6	15.0	5.0	ESE	2	b	ch	10
26	63.40	17.9	1.2	88	13.43	18.0	14.8	3.2	NNE	2	b	ntb	8
27	60.90	19.0	1.0	90	14.75	20.8	15.5	1.3	SE	2	b	ntb	7
28	57.80	26.3	8.3	40	10.56	25.5	16.8	8.7	NNW	5	i	ntb	0
29	58.70	21.2	1.2	89	16.65	29.6	17.0	2.0	—	0	b	chs	10
30	63.10	18.0	1.4	86	13.22	24.0	18.9	5.1	SSW	2	chm	ntb	10
MEB.	62.57	19.6	2.2	73.0	13.57	24.0	16.6	6.0	—	2.2	—	—	5.0

Observações particulares

Deram-se no rio duas chuvas importantes, intercaladas com chs: uma na 2^a Decada, perdurando alem de 24 hrs, sendo iniciada ás 8 hs 15' pm do dia 17 e continuando todo o dia 14: — Na 3^a Decada effectuou-se ás 6 hs 30' pm do dia 23, perdurando todo o dia 24 e parte de 25: — Ao dia 30 teve lugar um pequeno chs. de manhã, coincidindo por isobárica com a chuva torrencial de Cuyabá, do dia 29.

Observatório meteorológico "D. Bosco"

DEPENDENTE DO LYCEU SALESIANO DE ARTES E OFFÍCIOS

Em Curitiba, Estado de Matto-Grosso. Director Padre M. G. de Oliveira e Secretario Padre J. M. Thannhuber

Observações feitas durante o mez de Maio de 1909.

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235m,02 LATITUDE: 15° 35' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7" (Occ. do Rio.)

N. DE OBSERVAÇÕES POR DIA: ÀS 7 a. m., ÀS 2 e 9 p. m. HORA LOCAL

TABELLA I

Maio 1909	PRESSÃO BAROMETRICA reduzida a 0° cent. + 760 ^{mm} /m					TEMPERATURA CENT. A' SOMBRA				TEMP. do Oscillação	HUMIDADE relativa			
	7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da temper.		7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media
1	18,15	46,40	48,13	47,56	1,75	24,7	28,3	21,1	7,2	11,7	74	57	71	67,3
2	47,87	45,90	46,79	46,85	1,97	25,0	28,5	21,6	6,9	12,8	77	53	69	66,3
3	48,39	46,59	47,33	47,33	1,50	25,2	28,4	22,0	6,4	9,9	74	49	69	64,0
4	48,27	48,21	48,27	48,25	0,06	24,5	27,5	21,5	6,0	10,4	73	49	67	62,0
5	49,56	48,79	49,77	49,34	1,07	22,5	25,0	19,0	6,0	12,0	72	77	66	71,6
6	50,12	48,57	48,91	49,20	1,55	21,5	24,5	18,5	6,0	7,9	72	46	69	62,3
7	48,76	46,50	47,31	47,52	2,26	22,4	26,0	18,9	7,1	12,5	72	81	73	68,6
8	47,18	44,89	45,14	45,73	2,29	22,9	27,2	18,6	8,6	16,6	72	45	68	61,6
9	45,85	44,59	45,95	45,46	1,36	25,0	29,6	20,5	9,1	11,2	75	48	71	64,6
10	46,05	45,07	46,03	45,70	1,02	26,2	30,5	22,0	8,5	12,5	81	54	76	70,3
D ^o 1	47,99	46,53	47,36	47,29	1,48	23,9	27,5	20,3	7,1	11,7	73,2	55,9	69,9	65,9
11	48,18	47,19	48,62	47,99	1,43	23,8	26,0	21,6	4,4	2,9	81	79	84	81,3
12	48,29	48,75	49,88	48,97	1,59	21,0	22,0	20,0	2,0	0,4	91	87	87	88,3
13	49,93	47,98	48,61	48,84	1,95	19,5	22,0	17,6	4,4	4,9	90	81	83	84,6
14	48,37	46,24	47,11	47,24	2,13	20,7	24,5	17,0	7,5	13,5	86	70	83	79,6
15	48,79	46,05	46,86	47,21	2,62	23,4	27,9	19,2	7,8	12,0	83	62	83	76,0
16	48,92	46,35	46,91	47,07	1,67	25,1	29,8	21,5	7,3	12,8	82	69	80	73,6
17	47,46	45,38	46,54	46,62	1,58	24,7	28,0	21,5	6,5	15,0	82	56	79	72,3
18	46,19	43,16	43,45	44,20	3,03	25,2	28,3	22,0	6,3	9,9	83	63	83	76,3
19	44,79	44,07	44,21	44,35	0,72	27,6	31,8	23,5	8,3	11,7	75	53	71	66,3
20	46,69	44,00	49,34	49,47	5,34	26,4	31,2	21,6	9,6	15,0	82	56	75	71,0
D ^o 2	47,69	45,97	47,15	46,89	2,20	23,7	26,9	20,5	6,4	9,8	83,5	67,6	80,8	76,9
21	54,33	52,50	53,59	53,47	1,89	13,7	15,0	12,5	2,5	1,3	82	82	81	81,6
22	53,62	51,20	50,64	51,82	2,98	11,9	13,0	10,9	2,1	3,7	85	79	82	82,6
23	48,45	45,52	46,32	46,78	2,87	18,0	23,0	13,0	10,0	10,9	84	71	83	79,3
24	46,79	44,64	46,32	45,88	2,06	23,1	28,5	17,6	10,9	15,0	76	66	80	74,0
25	47,24	45,53	46,83	46,53	1,71	25,7	29,5	22,4	7,5	10,2	86	58	78	77,3
26	47,13	46,02	44,99	46,24	0,44	27,2	31,5	23,0	8,5	14,5	84	53	73	70,0
27	47,25	45,66	46,95	46,62	1,59	26,2	29,2	23,1	6,1	5,4	81	74	83	78,0
28	48,64	46,27	47,31	47,10	2,37	24,9	28,0	21,9	6,1	10,5	84	67	83	78,0
29	49,02	47,17	49,14	48,44	1,97	24,9	28,2	21,6	6,6	11,2	82	63	74	73,0
30	51,84	49,26	50,47	50,51	2,58	22,8	25,4	19,5	5,9	12,5	75	60	74	69,6
31	49,93	47,80	47,77	48,50	2,16	23,0	26,0	20,0	6,0	15,0	77	65	78	73,3
D ^o 3	50,37	47,47	48,21	48,38	2,02	21,9	25,2	18,6	6,5	9,9	81,4	65,2	79,0	76,1
Mez.	48,65	46,65	44,24	47,52	1,90	23,1	26,5	19,8	6,6	10,4	79,3	62,9	76,5	72,9

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Maio 1909	VENTO Direcção — Força						NEBULOSIDADE Forma — Fração				CHUVA Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Media	Abrigo	Exp.				
1	—	0 SW	2 S	1 C	2 S	5 C	2 3.0	—	—	1.4	5.4		
2	E	1 SE	3 —	0 Sc	8 Sc	6 —	0 4.6	—	—	1.8	6.0		
3	—	0 S	5 S	2 C	5 Cs	3 Cn	3 7.3	—	—	2.0	6.8		
4	W	1 N	5 S	1 C	8 C	1 S	2 3.6	—	—	2.0	6.1		
5	S	2 S	6 —	0 C	6 S	3 S	0.5 3.1	—	—	2.0	6.1		
6	SW	1 SW	7 S	1 C	9 C	2 C-Cn	8 8.6	—	—	1.7	5.9		
7	SE	1 S	3 NNE	1 Cs	7 Sc	6 C	1 4.6	—	—	1.7	5.2		
8	N	1 W	2 E	1 C	7 Sc	8 S	4 6.3	—	—	1.4	5.1		
9	WNW	2 NW	7 N	1 Cs	9 Cs	4 —	0 4.3	—	—	1.8	6.9		
10	N	2 N	3 N	1 S	9 Cs	9 S	8 8.6	—	—	1.8	6.4		
D ^o 1	Var.	1.1 S	4.3 S	0.9 C	7.0 Cs	5.9 S	3.4 5.4	0.0	—	17.6	59.0		
11	S	5 S	2 S	1 Kn	10 Kn	10 Kn	10 1.0	5.9	—	0.7	1.1		
12	S	3 S	2 S	2 Kn	10 Kn	10 Kn	10 1.0	29.4	—	0.4	0.4		
13	S	5 S	3 N	1 Kn	10 Kn	9 C	5 8	—	—	0.8	1.0		
14	—	0 S	2 —	0 C	7 —	0 —	0 2.3	—	—	0.7	3.6		
15	—	0 N	5 —	0 S	6 C	5 —	0 3.6	—	—	1.0	4.4		
16	NW	1 S	1 —	0 C	1 Ch	3 —	0 1.3	—	—	1.2	5.2		
17	—	0 SSE	4 —	0 Cs	10 S	8 C	1 6.3	—	—	1.0	4.6		
18	S	1 W	2 —	0 C	9.5 Sn	10 Kn	6 8.5	—	—	1.1	4.1		
19	N	2 N	5 N	2 Cs	8 Ke	4 K	1 4.3	—	—	2.5	9.2		
20	N	4 N	6 S	9 Cs	8 Ke	8 Kn	10 8.6	12.6	—	2.1	7.0		
D ^o 2	S	2.1 S-N	3.3 S-N	1.5 C	7.9 Kn	6.7 Kn	4.0 6.2	47.9	—	11.5	40.4		
21	S	6 S	9 S	9 Kn	10 N	10 Kn	1.0 1.0	—	—	0.3	0.7		
22	S	6 S	7 —	0 Kn	10 Kn	10 Kn	9.5 9.8	—	—	0.4	1.0		
23	—	6 S	1 S	1 Cn	4 Cs	2 —	0 2.0	—	—	0.6	3.6		
24	N	1 NE	4 —	0 C	4 Kn	5 —	0 5.0	—	—	1.2	5.1		
25	—	5 S	2 —	0 C	6 NK	8 —	0 4.6	—	—	1.1	4.8		
26	N	3 N	2 WSW	1 Ke	6 Kn	6 —	0 4.0	—	—	2.1	7.3		
27	W	1 S	1 S	3 Ke	8 Kn	9.5 K	9 8.8	14.2	—	0.8	3.0		
28	S	2 S	3 —	0 Kn	10 C	1 C	2 4.3	—	—	0.1	4.0		
29	—	0 NE	3 S	6 C	5 —	6 C	1 2.0	—	—	1.5	5.7		
30	S	1 S	2 S	2 C	1 —	0 —	0 0.3	—	—	1.4	5.0		
31	N	1 S	1 —	2 —	0 —	0 —	0 0.0	—	—	0.8	4.4		
D ^o 3	S-N	2.1 N	2.1 S	2.0 C	5.8 Kn	4.6 Kn	2.8 4.8	14.2	—	10.3	44.6		
Mez	S-N	1.7 S	3.5 S	1.4 C	6.9 Kn	5.7 Ke	3.4 5.4	62.1	—	39.4	144.0		

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Cuiabá

TABELLA III

Resumo geral do Mez de Maio de 1909						
CORRELAÇÃO dos VENTOS COM os seguintes elementos meteorológicos						
Ventos	N. de vezes q' sop.	Alt. bar. (metri.) Media	Tempe- ratura Media	Nebu- losid. Media	Humi- dade Media	
N	16	46.67	24.7	5.5	71.1	
NNE	1	47.31	21.6	1.0	73.9	
NE	1	44.64	26.8	5.0	66.0	
ENE	—	—	—	—	—	
E	2	46.50	22.7	6.0	72.5	
ESE	—	—	—	—	—	
SE	3	47.27	25.0	4.3	62.6	
SSE	1	45.88	29.2	8.0	56.6	
S	37	48.14	22.5	7.0	74.4	
SSW	—	—	—	—	—	
SW	5	48.33	23.2	7.8	58.3	
WSW	1	44.99	26.4	0.9	73.0	
W	4	46.30	25.3	8.5	66.0	
WNW	1	45.85	21.8	9.0	75.0	
NNW	—	—	—	—	—	
NW	2	46.30	25.8	2.5	65.0	
Calmas	20	—	—	—	—	
Tensão media do vapor atmosferico						
						15 ^m /m30
Humidade relativa media						72 ^m /m9
Evaporação media diaria ao abrigo						1 ^m /m2
Evaporação media diaria ao sol						4 ^m /m6
Maior evaporação diaria ao abrigo Dia 19						2 ^m /m5
Maior evaporação diaria ao sol dia 19.						3 ^m /m2
Menor evaporação diaria ao abrigo dia 28						0 ^m /m1
Menor evaporação diaria ao sol dia 12						0 ^m /m4
Evaporação total ao abrigo						39 ^m /m4
Evaporação total ao sol						144 ^m /m0
Quantidade media mensal do Ozono						—
Maxima da insolação						—
Barometro reduzido á 0° C.						
Pressão media mensal						47.52
Maxima pressão durante o mez Dia 21						54.33
Minima pressão durante o mez dia 18						43.16
Media diaria maxima dia 21						53.47
Media diaria minima dia 18						44.20
Oscillação maxima diaria dia 20						5.94
Oscillação diaria minima dia 4						0.06
Oscillação total durante o mez						1.90
Temperatura centigrada ao abrigo						
Media mensal						23.1
Maxima extrema Dia 19						31.8
Minima extrema dia 29						20.9
Media diaria maxima dia 19						27.6
Media diaria minima dia 22						11.9
Oscillação diaria maxima dia 24						10.9
Oscillação diaria minima dia 12						2.0
Oscillação total durante o mez						6.6
Temperatura centigrada ao ar livre						
Media mensal						16.4
Maxima extrema Dia 26						36.5
Minima extrema dia 22						3.0
Media diaria maxima dia 19						28.0
Media diaria minima dia 21						11.1
Oscillação diaria maxima dia 8						16.0
Oscillação diaria minima dia 12						0.4
Oscillação total durante o mez						10.4
Nuvens						
Formas predominantes						Kp
Quantidade media						5.4
Dias claros						18
Dias nublados						13
Chuva						
Numero de dias com chuva						4
Total de agua recolhida						62 ^m /m1
Altura max em 24 hrs.						29 ^m /m4
N.º de dias						
Manifestações electricas						1
Trovoadas						1
Nevoeiros						5
Orvalho						18
Dias sem brilho solar						5

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "PRESIDENTE ANTONIO PAES DE BARROS"

Dirigido pelos R. R. P. P. Salesianos em Araguaya — Matto-Grosso

Observações feitas durante o mez de Março de 1909.

Altitude approximada da Localidade: 488.^m — Latitude approximada: 15° 8' S.

Longitude approximada: 8° 2' (W do Rio)

Nº de observações por dia: as 6 a. m., as 2 e 8 p. m. hora local

TABELLA 1

Março 1909	Pressão barométrica reduzida à 0° cent. + 700 ^m					Temperatura centigrada à sombra				TEMP. ao Sol + Oscil.	Humidade relativa			
	6 a.m.		2 p.m.		Medida	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da temp.		6 p.m.		Media
	6 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Medida								6 p.m.	2 p.m.	
1	21.25	18.91	19.20	19.78	2.05	25.4	27.8	23.0	4.8	19.5	89.0	71.0	77.0	79.0
2	19.80	18.22	19.32	19.11	1.58	26.4	29.0	23.8	5.2	8.0	88.0	77.0	75.0	80.0
3	20.05	18.72	19.16	19.31	1.33	25.4	27.4	23.5	3.9	8.8	85.0	77.0	79.5	80.5
4	20.67	19.30	19.93	19.96	1.37	25.0	27.0	23.0	4.0	7.0	86.0	87.0	74.0	82.3
5	21.29	18.64	19.73	19.68	3.25	24.5	27.5	21.5	6.0	7.0	93.0	76.0	80.0	86.5
6	20.29	16.96	16.96	18.07	3.33	25.1	28.5	21.8	6.7	22.0	76.0	82.0	83.0	87.0
7	18.59	18.84	19.01	18.94	0.17	24.6	26.4	22.8	3.6	20.2	89.0	81.0	80.0	83.3
8	21.26	19.22	18.78	19.75	2.48	28.7	26.6	21.4	4.6	23.0	81.0	86.0	82.0	83.0
9	20.05	18.11	18.51	18.80	1.94	25.4	27.9	23.6	3.6	20.5	67.5	72.0	88.0	75.8
10	20.55	18.56	18.36	19.15	2.19	26.2	29.0	23.4	5.6	22.1	90.0	84.0	87.0	87.0
D ^o 1	20.42	18.48	18.89	19.26	1.95	25.1	27.5	22.7	4.8	15.5	86.4	79.3	81.5	82.1
11	19.91	18.36	19.43	19.43	0.95	24.9	26.8	23.0	3.8	22.0	91.0	89.0	84.0	88.0
12	20.12	19.70	20.32	20.04	0.62	24.5	25.8	23.2	2.6	20.0	85.0	80.0	82.0	82.9
13	21.05	19.12	18.72	19.63	2.53	25.0	27.0	23.0	4.0	24.5	86.0	72.0	83.0	86.3
14	19.10	18.50	17.40	18.33	1.70	26.0	28.0	24.0	4.0	19.5	88.0	75.0	84.0	82.3
15	18.69	17.22	17.34	17.55	1.47	25.2	27.0	23.5	3.5	21.5	86.0	69.0	81.0	78.6
16	18.19	16.92	19.51	18.20	2.59	26.0	28.5	23.5	5.0	22.0	86.0	68.0	81.5	78.5
17	20.65	18.61	18.84	19.16	1.44	26.0	28.0	24.0	4.0	8.0	83.0	70.0	79.0	77.3
18	20.17	19.32	19.64	19.71	0.85	25.9	28.8	23.0	5.8	16.0	84.0	77.0	84.0	81.6
19	20.08	19.26	19.69	19.65	0.88	25.3	27.8	22.8	5.0	18.5	85.0	73.0	83.0	80.3
20	20.55	18.72	19.45	19.56	1.83	25.2	27.4	23.0	4.4	20.0	86.0	67.0	83.0	78.6
D ^o 2	19.73	18.27	19.03	19.14	1.46	25.4	27.5	23.3	4.2	19.2	86.0	74.0	82.4	80.7
21	20.05	20.55	21.17	20.59	1.12	25.0	28.0	23.8	4.2	2.0	88.0	86.0	88.0	87.3
22	21.19	19.93	20.00	20.34	1.26	24.4	26.4	22.5	3.9	6.5	91.0	79.0	93.0	87.6
23	20.40	20.43	19.93	20.25	0.50	25.5	26.0	21.0	5.0	12.0	82.0	69.5	77.0	76.1
24	20.37	19.83	20.82	20.34	0.54	24.2	26.4	22.0	4.4	20.0	78.0	70.9	80.5	76.1
25	22.29	21.05	21.11	21.48	1.24	24.7	27.5	22.0	5.5	10.0	91.0	79.0	87.0	85.5
26	21.15	19.98	20.85	20.64	1.22	23.1	24.8	21.5	3.3	19.0	91.0	78.5	82.0	83.6
27	20.37	19.93	20.05	20.29	0.96	23.1	25.0	21.2	3.8	13.0	91.0	79.0	83.0	84.3
28	20.57	19.82	19.84	20.07	0.75	24.1	25.5	22.8	2.7	18.5	89.0	81.0	79.5	83.1
29	20.17	19.72	18.84	19.57	1.33	24.4	26.8	25.0	3.8	19.0	86.0	73.0	80.5	79.8
30	18.13	17.72	18.86	18.23	1.14	25.1	27.0	23.2	3.8	20.6	88.0	73.0	82.0	81.0
31	20.05	18.72	19.01	19.26	1.33	25.2	27.5	23.0	4.5	18.2	80.0	70.0	79.5	79.8
D ^o 3	20.47	19.78	20.04	20.09	1.03	24.3	26.4	22.3	4.0	15.0	87.7	76.1	82.9	82.2
Mez	20.22	18.84	19.32	19.49	1.48	24.9	27.1	22.7	4.3	16.5	86.7	76.4	82.9	81.7

Observatório meteorológico "Presidente Antonio Paes de Barros"

TABELLA II

Margo 1969	Vento						Nebulosidade				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 hora	
	Direção - Força						Forma - Fração					Abriço	Exposto
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Mediã						
1	calma 0	E 5	calma 0	—	0 KN	6 S	3 3.0	—	—	—	2.0	7.0	
2	calma 0	E 2	calma 0	—	0 SK	8 S	2 3.3	—	—	—	2.0	7.1	
3	calma 0	W 4	calma 0	S	4 SK	7 —	0 3.6	—	—	—	2.0	6.2	
4	calma 0	E 3	calma 0	C	2 SK	9 SK	4 5.0	—	—	—	1.5	6.0	
5	calma 0	N 8	calma 0	SC	3 SK	7 S	10 6.6	—	—	—	2.0	6.5	
6	calma 0	calma 0	calma 0	SK	10 N	3 SK	6 6.3	41.0	—	—	1.6	3.8	
7	calma 0	calma 0	calma 0	SK	9 SK	6 SK	10 8.3	—	—	—	1.2	4.0	
8	calma 0	calma 0	calma 0	SK	10 SK	6 N	6 7.3	—	—	—	1.6	6.5	
9	calma 0	calma 0	calma 0	C	3 KN	6 S	7 5.3	—	—	—	1.8	7.0	
10	NE 3	calma 0	calma 0	SK	10 S	2 KN	3 5.0	7.0	—	—	1.6	6.8	
D ^o 1	NE 0.3	E 2.2	calma 0	SK	5.1	SK 6.0	S 5.1	5.3	48.0	—	16.7	60.9	
11	calma 0	calma 0	calma 0	SK	10 SK	8 S	2 6.6	31.0	—	—	1.2	5.8	
12	calma 0	calma 0	calma 0	C	3 KN	8 —	0 3.6	—	—	—	1.0	5.0	
13	calma 0	calma 0	calma 0	C	3 KN	7 SK	9 6.3	—	—	—	1.2	5.1	
14	calma 0	calma 0	calma 0	S	10 SN	5 S	2 5.6	—	—	—	1.5	5.8	
15	calma 0	calma 0	calma 0	S	3 KN	5 SK	10 6.0	—	—	—	1.4	6.0	
16	calma 2	NE 2	calma 0	K	4 SK	9 S	4 5.6	—	—	—	1.3	6.1	
17	calma 0	W 4	calma 0	KC	5 SK	9 S	5 6.3	—	—	—	1.2	5.6	
18	calma 0	NE 6	calma 0	SK	8 KN	9 SK	9 8.6	5.5	—	—	1.0	5.0	
19	calma 0	calma 0	calma 0	SN	7 SK	10 S	10 9.6	1.5	—	—	1.3	6.0	
20	calma 0	E 2	SSE 5	S	10 SK	3 SK	10 9.3	5.0	—	—	1.5	5.2	
D ^o 2	calma 0	NE 1.4	SSE 0.5	S	6.3	SK SN 7.8	S 6.1	6.6	43.0	—	12.6	54.6	
21	calma 0	W 6	W 3	SC	5 SK	9 SK	9 7.6	6.0	—	—	1.0	5.0	
22	calma 0	W 6	W 2	SC	8 K	9 —	0 5.3	—	—	—	1.0	5.2	
23	W 3	W 4	calma 0	C	4 KN	8 —	0 4.0	—	—	—	0.9	4.3	
24	calma 0	calma 0	calma 0	C	4 K	7 SK	8 6.3	—	—	—	1.2	6.5	
25	calma 0	calma 0	E 3	SC	5 SK	8 SK	9 7.3	70.0	—	—	0.8	3.6	
26	calma 0	E 4	calma 0	C	3 K	8 N	3 4.6	18.0	—	—	1.2	6.6	
27	calma 0	calma 0	calma 0	S	2 K	7 —	0 3.6	24.0	—	—	1.5	6.2	
28	calma 0	calma 0	S 4	C	3 K	6 —	0 3.0	—	—	—	1.4	5.8	
29	calma 0	calma 0	calma 0	N	5 N	4 —	0 3.0	—	—	—	1.2	5.4	
30	calma 0	W 2	calma 0	SC	3 KN	4 S	6 4.3	—	—	—	1.1	4.5	
31	calma 0	calma 0	calma 0	KN	8 SN	6 —	0 4.6	—	—	—	1.8	6.8	
D ^o 3	W 0.2	W 2.0	W 1.0	SC	4.5	K 6.3	SK 3.1	4.8	118.0	—	13.1	58.4	
Mez	W 0.1	W 1.8	W 0.5	S	5.3	SK 6.9	S 4.7	5.5	209.0	—	42.4	173.9	